

**unesp**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO  
CLARO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TRAMAS NO DIÁRIO DE GAROTAS BRASILEIRAS: A ESCRITA ENTRE  
BOBAGENS E TOLICES**

**INGRID ZACARELLI BRITO**

**Rio Claro – SP  
2023**

**unesp**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO  
CLARO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TRAMAS NO DIÁRIO DE GAROTAS BRASILEIRAS: A ESCRITA ENTRE  
BOBAGENS E TOLICES**

**INGRID ZACARELLI BRITO**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Educação .

Orientador(a): Maria Rosa  
Rodrigues Martins de Camargo

**Rio Claro – SP  
2023**

B862t Brito, Ingrid Zacarelli  
Tramas no diário de garotas brasileiras: : a escrita entre bobagens e  
tolices / Ingrid Zacarelli Brito. -- Rio Claro, 2023  
90 p. : il., fotos  
  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Instituto de Biociências, Rio Claro  
Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo  
  
1. Educação. 2. Escrita. 3. Diário íntimo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de  
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

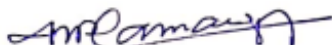
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: TRAMAS NO DIÁRIO DE GAROTAS BRASILEIRAS: A ESCRITA ENTRE BOBAGENS E TOLICES

AUTORA: INGRID ZACARELLI BRITO

ORIENTADORA: MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Educação, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO (Participação Presencial)  
Departamento de Educação / UNESP Instituto de Biociências de Rio Claro SP



Profa. Dra. NIMA IMACULADA SPIGOLON (Participação Presencial)  
Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais / Universidade Estadual de Campinas – SP



Profa. Dra. KATIA MARIA KASPER (Participação Virtual)  
Departamento de Teoria e Prática de Ensino / Universidade Federal do Paraná - PR



Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE (Participação Presencial)  
IB / UNESP/Rio Claro (SP)



Prof. Dr. ARTUR RODRIGUES JANEIRO (Participação Presencial)  
SEDUC / Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - Piracicaba - SP

Rio Claro, 09 de novembro de 2023

*Dedico este trabalho a todas as garotas  
que se lançaram e se lançam à aventura  
de escrever um diário...*

## AGRADECIMENTOS

Querida Maria Rosa, já se vão mais de 20 anos que começamos a trabalhar juntas, nessa longa amizade aprendi muitas coisas com você, te admiro muito é sempre bom dizer, como é muito bom estar ao seu lado. Obrigada por ter me acolhido no PEJA, me lembro como se fosse hoje da minha primeira reunião com o grupo, isso fez toda a diferença na minha vida. É por isso que estamos aqui.

Querida mamãe e papito, obrigada pela vida, pelo amor e carinho com que educaram uma garotinha bem brava e teimosa. Obrigada pelas infinitas conversas. À mamãe que sempre achou meu doutorado uma tortura, obrigada por se preocupar tanto assim comigo. Terminou...

A minha filha, meu pacotinho, que vive me perguntando que tanto a mamãe escreve, o que é essa tal de tese e que consegue me fazer rir de as vezes ficar sem ideia nenhuma do que escrever.

Obrigada Mayk, com todos os revés da vida, você fez parte desse caminho e me apoiou muito.

Um agradecimento especial a uma querida amiga - Adriana Fischer, você me conheceu já na reta final do meu doutorado, mas viveu e experimentou todos os momentos de produção, vibrou e comemorou comigo e por mim, muito obrigada.

Obrigada CAPES. Pesquisa precisa de financiamento. Financiamento enobrece o pesquisador.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

- "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Aqui mora minha tese...

*O pesquisador, é ao mesmo tempo a região obscura que deve pesquisar e onde toda a sua bagagem não lhe servirá para nada. Procurar? Não apenas: criar.*

*(Proust - Em busca do tempo perdido)*

## RESUMO

As páginas deste diário não tem data, porque foram inspiradas e provocadas pelo tempo que se passou desde que ganhei meu primeiro diário quando era uma garota entre meus 12 pra 13 anos. As linhas estão cheias de ideias, contradições e posições: algumas mais definidas que outras, a maioria inacabada. O que pode esperar meu leitor? Um objeto de estudo - diário de garotas brasileiras - para mudar de lugar, assim como quem move o pensamento e um espaço para habitar, fazer-se seu e questionar, não construí certezas, *escovei* questões, modos e formas de ver, como Manoel de Barros que tinha vontade de *escovar palavras por amor*.

**Palavras-chaves:** Diário de garota; prática de escrita; secreto; desimportâncias.

## **ABSTRACT**

The pages of this diary are undated, because they were inspired and provoked by the elapsed time since I got my first diary when I was a girl between 12 and 13 years old. These lines are full of ideas, contradictions and taked sides: some more defined than others, the majority unfinished. What can my reader expect? An object of study - brazilian girls' diary - to change places, just like those who move thought and a space to inhabit, make yourself yours and question. I didn't build certainties, I bring to light questions, modes and forms of see, just like Manoel de Barros who wanted to bring to light words out of love.

**Keywords:** Girl's diary; writing practice; secret; unimportances

## SUMÁRIO

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| PÁGINAS DE DIÁRIO       | 10- 87  |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 88 - 90 |
| DIÁRIOS                 | 90      |



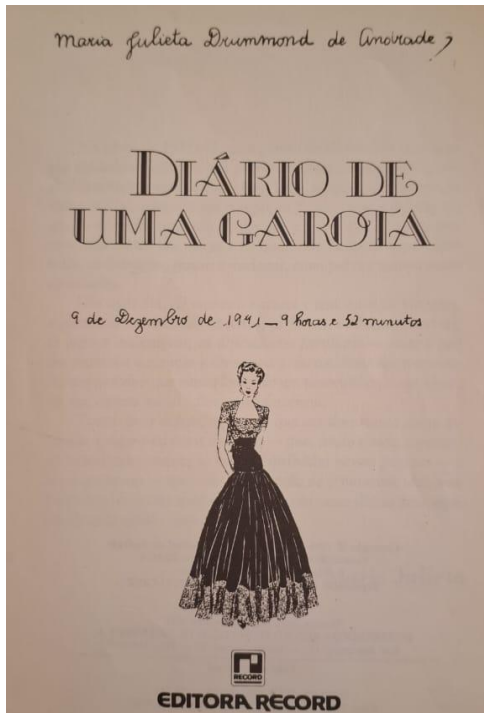
*Essa é uma tese de oposição entre algumas posições.* Ao escrevê-la não consegui me privar de encontrar entre uma ideia e outra um mas, um contudo, um todavia, um entretanto que abre lacunas. Quando tudo parece se explicar nada se explica, porque algo acontece naquilo que escapa. Então meu leitor e minha leitora não podem esperar da pesquisadora que habita em mim, certezas ou segurança. Isso significa que as coisas são móveis, que podem ser desarranjadas e arranjadas de outros modos e dizer outras coisas. O que estou querendo dizer tem a ver com o que Proust<sup>1</sup> disse sobre a imobilidade das coisas: “Talvez a imobilidade das coisas ao nosso redor lhes seja imposta pela nossa certeza de que tais coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento em relação a elas”. Nesses quase 30 anos desde que ganhei meu primeiro diário de presente, até aqui, eu já o mudei muitas vezes de lugar, eu até o joguei fora, para depois encontrá-lo na sala de aula, em outras formas, nas mãos de crianças e adultos. Mesmo depois de fazê-lo objeto de minha pesquisa no mestrado, eu ainda continuo mudando ele de um lugar para o outro, por isso não construí certezas, mas lugares a serem habitados e pensados, posições a serem questionadas.



---

<sup>1</sup> PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 25

Figura 1: Contra capa



*"Para quando ficar pronto,  
ser entregue à minha mãe"*

Fonte: Diário publicado  
1985, arquivo da autora

O diário foi publicado em 1985

Ela escreveu o diário nas férias de 1941 para 1942

Conta-se 92 dias e 92 entradas

Na época tinha de 13 para 14 anos

Quando o diário foi publicado Maria Julieta tinha 57 anos.

O diário foi publicado pela editora Record

Não teve uma 2ª edição

Mas há dados de uma possível publicação em 1977

6 de dezembro de 1941 - 9 horas e 52 minutos

Ganhei este caderno de papai, na tarde do dia 5 de dezembro de 1941. Quando o recebi, ele já estava na página 49, o que indica que já fora usado em mistérios diversos e desconhecidos - para mim é lógico. Pretendo fazer dele uma espécie de diário, narrando os principais acontecimentos destas férias, para mais tarde recordar coisas já esquecidas.

Naturalmente não será um diário espiritual, isto é, contendo todos os meus pensamentos mais íntimos (o que, penso, só daria bobagens e tolices), mas um diário que eu possa mostrar a todo mundo. Não me preocupar em escrever com pompas, ajeitando frases, evitando palavras repetidas. Isto não é igual à famosa carta para Luís Jardim, que me custou uma hora de labuta e três dias de dor de cabeça (sem exagero!).

Também neste caderno-diário colarei e transcreverei tudo o que me agradar ou interessar: máximas, poses de artistas, garotas de Alceu, caricaturas e uma série de outros nadinhas que encontrar por aí, nesse mundo grande. Enfim, farei deste caderno, se Deus me ajudar, uma bagunça bem bagunçada, que, quando ficar pronto, deverá ser entregue a minha mãe.

*Esse é o prefácio do livro-diário de Maria Julieta*<sup>2</sup>. Supus que ela deve tê-lo escrito entre o dia que ganhou o caderno (5 de dezembro) e o dia em que começou a escrever o diário (7 de dezembro), as horas e o formato da inscrição copiei de um trecho manuscrito no livro.

O que Maria Julieta escreveu apresenta o que compõe o diário de uma garota: as bobagens e tolices, a bagunça e um *todo mundo* que se faz presente, como outro. Tudo isso nesse enredo entre o que a filha trama com o pai e a vigilância atenta da mãe a sua educação.

Não dá para ler o diário de uma garota sem se ater a essas coisas, é disso que é feito o diário de uma garota, que nas misturas de Maria Julieta, faz de Deus não mais um confessor e do diário não mais um espaço de confissão, mas de anarquia, apesar de tudo parecer estar muito bem arrumado. Deslocando Deus de sua função de quem pune, para aquele que pode ajudar, ela pode afastar os demônios, e fazer do diário, enquanto prática de escrita, um espaço clandestino de si mesma. Nesse espaço sem confessor e confessante com um outro qualquer, a quem eu não vou me confessar, o que ela escreve? Que usos se faz da escrita?



*Metodologicamente*, Lejeune<sup>3</sup>, na sua pesquisa sobre diários de garotas francesas no século XIX, levanta 3 problemas:

- “1) encontrar os diários;
- 2) aprender como lê-los e
- 3) aprender como falar sobre eles”

Esses três problemas são bastante pertinentes. Encontrar os diários não é uma tarefa fácil. Muitos pesquisadores têm se valido da aplicação de um questionário a um determinado grupo, ou para abranger um grupo mais variado, feito anúncio em meios de comunicação, como por exemplo o jornal, há também quem busque diaristas em eventos e congressos em meio a apresentação de trabalhos ou palestras.

<sup>2</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. *Diário de uma garota*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1985, p. 7

<sup>3</sup> LEJEUNE, Philippe. *Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 8, n. 9, 1997

Eu, em um primeiro momento, durante o mestrado<sup>4</sup>, quis encontrar diários femininos publicados de autoras brasileiras, porque era muito comum encontrar referência a diário de mulheres de outras nacionalidades. A publicação é sempre um indicador da prática no país, além disso a historiadora Ângela Gomes<sup>5</sup>, em texto de 2004 em que disserta sobre as escritas de si, afirmava que entre o final do século XX e início do século XXI, houve um *boom* no comércio editorial de escritas (auto) biográficas, que abarca entre outras os diários. Interessava-me saber o que tinha ali de publicações nacionais. Não tardei a descobrir que o *boom* das publicações de diário femininos de autoras nacionais ocorreu bem antes dessa época, nas décadas de 60 e 80, tendo publicações também em 70 e 90, mas em menor número e a maioria desses diários, se não quase todos, não tiveram reedições. Cabe um estudo mais detalhado do período histórico e político em que viveram essas mulheres. Os diários de garotas, em menor número, seguem o escopo das publicações de cunho histórico e literário e o das mulheres me parecem envoltos em questões políticas.

No Brasil foram realizados dois levantamentos sistemáticos de escritas memorialísticas femininas. O primeiro foi realizado por Maria José Motta Viana<sup>6</sup> na década de 90, no qual, foram mapeados 7 diários femininos de autoras brasileiras. O segundo foi realizado por Lilian Lacerda<sup>7</sup> em 2003, que mapeou 6 novas diaristas brasileiras. As obras foram encontradas em sebos, pois não houve reedição

Mesmo não empreendendo uma busca sistematizada por diários não publicados, acabei por encontrar, durante o mestrado e dentro do ambiente universitário, duas garotas que escreviam diários, com quem mantive contato e tive em mãos os diários escritos por elas. De certo modo, é o envolvimento do pesquisador e da pesquisadora com seu objeto de estudo que vai criando possibilidades. As buscas ou mesmo as conversas informais por mais insignificantes que possam parecer vão constituindo uma rede de fios muito rica, que desencadeia descobertas aqui e acolá.

Encontrar diários é uma arte de estabelecer relações. Mesmo que você os encontre é preciso estreitar laços e conexões para se tornar uma leitora.

---

<sup>4</sup> BRITO, Ingrid Zacarelli. *Cadernos íntimos diários publicados*: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90123>

<sup>5</sup> GOMES, Ângela Maria De Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela Maria De Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

<sup>6</sup> VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*: Memória de mulheres. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

<sup>7</sup> LACERDA, Lilian. *Álbum de leitura*: memórias de vida, história de leitoras. São Paulo: UNESP, 2003

O segundo problema, *aprender como ler um diário*, é mais complexo. Os argumentos levantados por Lejeune<sup>8</sup> passam por uma questão temporal, precisa-se de tempo para ler, ele associa parte desse tempo ao desgaste do material e à caligrafia da autora e outra parte ao entendimento do texto. Segundo ele, bem poucas escritoras começam se apresentando e fornecendo informações sobre seu ambiente e personalidade.

Como trabalhei com os diários publicados, experimentei outro tempo para ler, um tempo mais rápido, e bastante incômodo, porque se acumulam muitas informações, principalmente nos diários históricos que são recheados de muitas notas de rodapé. No final você se vê obrigado a ler lentamente, mesmo sem a necessidade de decifrar o texto, para se acomodar aos espaços ou à falta deles, enquanto leitora. O tempo não é só por uma questão de entendimento, mas de habitação. Como você habita aquele espaço?

Mesmo que o trabalho cuidadoso dos editores te tragam algumas informações sobre a autora e o período histórico, isso pouco ajuda, é preciso habitar aquelas linhas, como quem habita o quarto de alguém. E isso guarda certa relação com o tempo do hábito de que fala Proust<sup>9</sup>: “O hábito! arrumadeira hábil mas bastante morosa e que principia por deixar sofrer nosso espírito durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, a gente se sente bem feliz ao encontrá-la, pois sem o hábito e reduzido a seus próprios meios, seria nosso espírito impotente para tornar habitável qualquer aposento”.

É preciso tempo para se habituar com as linhas, as palavras, os contornos, os espaços ou a falta deles, as lacunas, o ritmo, o modo de cada uma escrever. Quando tive os manuscritos de Bernardina em mãos, senti falta desse tempo. As horas foram insuficientes para habitar aqueles cadernos, precisava de mais tempo para me acostumar com o traçado das letras, conhecia bem o conteúdo, mas não conhecia o jeito de escrever dela. A letra tem um tom de intimidade.

Aprender a ler um diário é aprender a ser íntimo do suporte, do conteúdo e da escrita.

O terceiro problema metodológico de Lejeune<sup>10</sup> era *aprender a falar* sobre os diários de garotas, porque segundo ele “há um desprezo ou [uma] condescendência geral que envolvem esses diários. Sem ter lido nenhum deles, as pessoas estão convencidas de que sabem como eles são: uma atividade de lazer como bordar ou tocar piano. Humilde,

---

<sup>8</sup>LEJEUNE, Philippe. 1997, op. cit.

<sup>9</sup> PROUST, Marcel. 2016, op. cit., p.27

<sup>10</sup> LEJEUNE, Philippe. 1997, op. cit., 104

sentimental e tedioso”. O que Lejeune vai defender é o esforço dessas jovens para obter identidade.

E o que eu defendo é o esforço dessas garotas em ocupar espaços. O diário de uma garota é um diário de ocupação. A questão então seria: o que ela invade? Do que ela toma posse?



*Uma pesquisa tem muitas curvas num traçado*, em palavras a gente consegue descrever só uma ínfima parte. Penso que o diário de uma pesquisa talvez seja, como Blanchot<sup>11</sup> fez referência ao diário de um escritor sobre a obra que está escrevendo, um livro que não existe.

Faz muitos anos que busco informações sobre os diários de garotas brasileiras. Basicamente minhas pesquisas se deram em redes de bancos de dados gerais, no google e no google acadêmico, o que abriu um leque maior de possibilidades, como o acesso a informações presentes em site de museus, jornais, sites de escritores e palestras. Exemplificando a riqueza dessa rede, foi no site do Instituto Moreira Salles<sup>12</sup> que descobri que o diário de Maria Julieta foi publicado por seu pai sem consultá-la, curiosa entrei em contato com a bibliotecária do museu, que fez referência à crônica *Meu Pai* escrita por Maria Julieta, material que fui buscar; no site da escritora Vera Brant (hoje desativado, a escritora faleceu em 2014) encontrei muitas coisas sobre Helena Morley. Em contato com escritora, no ano de 2009, recebi gentilmente dela cópias de recortes de jornais das décadas de 50 e 60 sobre as publicações do diário de Helena; na palestra dos 90 anos de Maria Julieta proferida na academia Mineira de Letras por Edmilson Caminha<sup>13</sup>, disponível no youtube, fui descobrindo outras nuances na relação dela com o pai; o próprio diário de Bernardina descobri em buscas gerais, a referência à obra estava em lojas virtuais de livrarias, o diário foi lançado em 2009, no ano que entrei no mestrado. Foi assim também que acabei adquirindo outros materiais, como o livro de crônicas de Maria Julieta e os dois diários de seu pai. Tentei contato com a revista Veja em busca da edição comemorativa aos 75 anos de Drummond, onde foi publicada originalmente a crônica

<sup>11</sup> BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005

<sup>12</sup> <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-maria-julieta-drummond-de-andrade/> (ims.com.br)

<sup>13</sup> CAMINHA, Edmilson. *Palestra 90 anos de Maria Julieta Drummond de Andrade*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZTREp9fG7E> acesso em: ago. 2022

*Meu Pai*, assim como contato com o editor da revista na época, Werneck, mas sem sucesso. Estabeleci contato com o Museu Casa Benjamin Constant, o qual visitei, e com o Instituto Moreira Salles, que me enviou uma lista do acervo catalogado de Maria Julieta, tendo ainda mais de 1500 itens não catalogados. A visita ao local foi prejudicada devido a reformas.

Depois de listar os diários publicados de garotas brasileiras, percorri os sebos em busca das edições mais antigas, mesmo porque a maioria não foi reeditado. Esse é o caso do diário de Cecília publicado em 83 e de Maria Julieta publicado em 85. Cheguei até a buscar no sebo outras edições do diário de Maria Julieta, conforme suspeito a 1ª edição pode ter sido publicada na década de 70, mas não encontrei nada. O diário de Helena Morley, teve muitas edições, eu tenho a 5ª edição publicada em 1958, foi a mais antiga que encontrei nos sebos, a primeira edição teve uma tiragem pequena e ficou nas mãos de familiares e amigos. Em 1998 ele foi reeditado pela Companhia das letras e, segundo Cunha<sup>14</sup> “considerado como um romance de formação de uma mulher, e ao mesmo tempo de um país”.



*Por um bom tempo busquei apenas explicações*, o afã de dominar o objeto de estudo ou melhor de pensar que poderia ou deveria explicar o diário movia minhas buscas e minha pesquisa até que li em Rancière<sup>15</sup>,

“Quem busca, sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que é preciso encontrar. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à coisa que já conhece”.

Esta ideia me deixou durante muito tempo arquitetando outras. A provocação de Rancière de que não encontraria o que buscava era incômoda, mas o foi só num primeiro momento. Explicar a prática de escrita de diário já parecia, nas minhas próprias tentativas e buscas, mais

---

<sup>14</sup> CUNHA, Maria Teresa Cunha. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p161.

<sup>15</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.p. 44

um entrave à pesquisa do que uma possibilidade de exploração do material e disso me convenci rapidamente depois de ler a ordem explicadora de Rancière. A multiplicidade do diário em si provocava outros caminhos.

Já a sentença de que não encontraria o que é preciso encontrar era por demais intrigante, pois tinha uma relação direta com a revisão bibliográfica e com aquilo que parecia ter que encontrar de algum modo dentro de uma certa ordem. A sensação na leitura e estudos das pesquisas sobre diários, lidas e relidas à exaustão, era a de que elas davam conta de explicar o diário, faltava nelas uma certa abertura, algo meio inacabado ou dúvidas, uma brecha para entrar. Era como se o objeto dentro de uma certa ordem explicadora já estivesse em si explicado e fechado e fora disso? Logo, não encontrar o que era preciso era como se se desprecisar dessas explicações e se lançar numa aventura. O que moveria eu com minha pesquisa sobre diário? Bom, eu sou orientanda da professora Maria Rosa, que desde a minha graduação me provoca a pensar sobre as práticas de escrita, que me instigou a ler *Vidas Secas* para pensar sobre forma e conteúdo e que vivia a repetir que quem escreve sempre corre o risco de ser lido, como a dizer-me: o ato de escrever é um ato sensível. É um ato político. Político talvez, assim como o traça Rancière<sup>16</sup>, na sua maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação.

“Uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma”.

Comecei a pensar que alguma coisa nova eu encontraria a relacionar à coisa que já conhecia. O diário enquanto prática de escrita escolar surgiu no meu trabalho como educadora no Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA/UNESP/Rio Claro) quando ainda cursava a graduação de Pedagogia. O uso de um caderno/diário, para que os educandos escrevessem ao final dos encontros o que as vivências e experiências do dia moviam, fora uma sugestão da professora Maria Rosa que coordenava o projeto. Quase sem nenhum direcionamento, já que eu mesma não tinha muito ideia de como se passariam as coisas, apresentei a ideia do caderno aos educandos e eles começaram a escrever e eu a ler. Com o tempo nossos laços foram se estreitando e a escrita foi ganhando um tom mais íntimo. Eles foram ocupando aquele espaço de escrita com os seus desejos de aprender, com dúvidas, receios, preocupações, inquietações, vergonhas, tudo escrito entre a norma padrão e os vícios de uma linguagem social, cotidiana, praticada por muitos anos à margem. Eu fui me fazendo leitora, uma leitora até certo ponto

---

<sup>16</sup> id. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7

ansiosa, uma leitora aprendiz, porque de certo modo não sabia o que fazer com aquilo que lia, com os registros daquele espaço partilhado. Eles me chegavam todos os dias, eu abria os cadernos e lia, mas essa comunicação entre aquele sujeito escrito, rascunhado e eu era, como já dizia Clarice Lispector<sup>17</sup> sobre a comunicação com o adulto, “o encontro com o mais secreto de mim mesma, aí a comunicação é difícil”.

Passados alguns anos, em meados de 2008, agora lecionando no 1º ano do Ensino Fundamental, concursada pela Prefeitura de São Caetano do Sul, fui surpreendida por uma aluna que me trouxe o seu diário para eu ler. Era um daqueles diários com cadeado e chavinha. Folheeí algumas páginas enquanto ela ia comentando uma e outra e outra. O entusiasmo e a ansiedade dela em compartilhar seus escritos ia atropelando uma página na outra. Era uma escrita de criança, cheia de garatujas, próprio de quem está no início do processo de alfabetização. Lembrou-me os cadernos dos adultos do PEJA, na sua diferença, ela ocupando aquele espaço do seu jeito criança, entre escritas, desenhos e colagens, tudo solto e às vezes bem apertadinho sem organização nenhuma, a organização escolar dos espaços que eu encontrei no caderno dos adultos, mesmo se tratando de pessoas que cursaram poucos anos de escolaridade. Entre outras coisas, foi o gesto dessa menina que me levou ao mestrado.

Mais uma vez eu era leitora de um diário, um objeto com o qual, na escrita, tinha muito pouca intimidade. Eu havia ganhado de presente um diário muitos anos antes de tudo isso acontecer, por volta de 1993, quando cursava a sexta série. Era como o diário dessa minha aluna, com cadeado e chavinha. Foi presente de uma prima que veio nos visitar, há muito tempo não nos víamos e eu não guardava lembranças de convivência, talvez por ser muito pequena quando da última vez que nos encontramos. Na época eu tinha de 13 para 14 anos, idade considerada *clássica* para iniciar a escrita de diário, mas da minha parte desconhecia por completo essa prática. Quando ganhei o diário meu estranhamento foi tamanho, que provocou de imediato explicações da parte da minha mãe e da minha prima. Confesso que queria ter ganhado outra coisa. Deixei o presente de lado por um bom tempo. Eu não era uma menina chegada à escrita. Eu gostava de contas. Já estava fazendo um grande esforço para continuar me comunicando, por cartas, com uma amiga minha que, desde que meus pais se mudaram de cidade, em 1992, eu não a vi mais. Não me sentia animada para escrever sobre mim, nem sabia como fazer.

---

<sup>17</sup> LISPECTOR, Clarice. *O adulto é triste e solitário*. 2021. Disponível em: [https://youtu.be/HY4FK4\\_r5Ks?si=TxV2370RNvb0KO-Z](https://youtu.be/HY4FK4_r5Ks?si=TxV2370RNvb0KO-Z)

Depois a capa em forma e desenho de maçã do diário era meu maior prejuízo. Quem emoldura a vida com uma maçã? - pensava eu garota, coisa nada atraente.

Mas a maçã é o fruto proibido, é o pecado de Eva, é o pecado das mulheres, naquela época eu deveria ser uma garota que sabia disso. Em uma das muitas conversas que tive com a Maria Rosa, ela me perguntou certa vez, algo nesses termos, você nunca quis ler obras proibidas, fazendo referência a Sade, como? pensei, eu nem sabia que existiam obras proibidas para garotas. Entre as gerações apagam-se os riscos. Hoje eu leio Sade e Bataille. Digo isso para fazer uma analogia hipotética entre a escrita do diário, o feminino e o pecado religioso, que só me ocorrem agora.

A escrita é como a maçã, um fruto proibido às mulheres, assim o foi durante muitos anos. E provar da escrita era pecado até bem pouco tempo atrás, assim como provar da maçã ainda o é. Mesmo que às vezes, escrever um diário íntimo, não passe da obstinação tímida de uma garota, que muitas vezes encerra seus escritos queimando seus papéis, como se só pudesse existir no “instante fugaz da palavra, o pessoal e o muito íntimo [eram e ainda o são?] banidos como indecentes”<sup>18</sup>. Num tempo não muito distante de nós, a escrita deveria ser utilizada pela mulher para escrever receitas e organizar as contas da casa, é basicamente para isso que ela servia. Comecei a pensar os diários de garotas como virginados, certos assuntos ou temas não aparecem, o termo reverbera essa escrita cheia de limites, espreitada pelos olhares cuidadosos da família e da sociedade. Penso que a maçã é uma bela moldura histórica para explorar o diário de garota. Bem provocativa. Ela me lembra a tese de Nora Catelli<sup>19</sup> sobre o diário íntimo como uma posição feminina, entre os demônios de Teresa Ávila e os temores das mulheres laicas no desenrolar de sua própria subjetividade, podemos pensar a maçã como o *pecado* da escrita feminina daquilo que na escrita se penetra ou se introduz nos silêncios, nos vazios e nas sutilezas da escrita de si. E o que abre à intuição aquilo que não é dito/escrito?

Por essas e por outras, era o presente perfeito para uma jovem como eu, que saía pouco de casa e passava muito tempo sozinha, mas isso 30 anos depois? Não, 30 anos depois eu ainda o mantenho virgem, digo o que ganhei de presente, agora, quase 30 anos depois do primeiro. Talvez eu seja como muitos, ou muitas, diaristas que começam e param um diário várias vezes até se tornarem um diarista mesmo. Naquela época eu escrevi no diário, como agora também cheguei a escrever, é, eu sempre começo, mas sem muita regularidade. Escrevo aqui, ali e

---

<sup>18</sup> PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989. Disponível em: <[www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3846](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846)>; acesso em: nov. 2009, p. 13-14

<sup>19</sup> CATELLI, Nora. *En la era de la intimidad: seguido de el espacio autobiográfico*. 1. ed. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007

paro. Recordo-me até hoje de ter escrito no meu antigo diarinho sobre o que os homens fizeram a Jesus, isso me impressionava bastante naquela época. Com o tempo, reúno algumas páginas escritas junto com uma sensação de desconforto, maior no diarinho do que no diário de hoje, quando pensava que minha vida não era bonita e atraente como as delicadas folhas rosadas daquele diarinho. Pareceu-me em certo momento que o traçar dos meus escritos borravam a sutileza daquelas folhas. Não tinha nada para escrever ali. Foi assim que comecei a destruir parte do que tinha escrito e a arrancar folhas sem uso para outras atividades mais leves. O meu diarinho foi dia a dia se desfazendo. Talvez ele se desfizesse como minha vida de infância, agitada e alegre, fora desfeita com a mudança organizada por meus pais. Chegou o dia, o qual não me lembro, que o diário foi descartado, talvez quando só restou mesmo a capa de maçã, a fadada capa que fora a minha maior perda, naquela época.

Ganhar os diários de presente foi e ainda é minha maior aventura. O diário é o que se repete na minha vida, é o que há de insubstituível, único e singular. Quando comentei no IX CIPA (Congresso Internacional de Pesquisas Autobiográfica/2018), na sala de comunicação, na qual apresentei o trabalho sobre o diário de Bernardina<sup>20</sup>, que não era uma escritora de diário, me espantei com a surpresa das pessoas, parecia tão óbvio para eles o que para mim não era. Hoje penso que eles viam na minha pesquisa o que eu mesma não conseguia ver naquela época. Fazendo uma alusão à idéia de repetição em Deleuze<sup>21</sup>, é o meu primeiro diário que repete todos os outros diários de garota presentes na minha pesquisa. E se, como teoriza Deleuze, um dos critérios da repetição é o roubo, cada diário que leio, parafraseando Clarice<sup>22</sup>, é um “assalto ao mais secreto de mim mesma, aí a comunicação é difícil”.

Certa vez chegou às minhas mãos os diários manuscritos de uma garota, isso aconteceu mais ou menos na metade do meu mestrado (2009 - 2012), na época em que ainda estava rodeada por diários publicados, entre femininos e masculinos. Conheci essa garota durante o meu estágio docente no curso de Biologia. Foi na ocasião da apresentação da minha pesquisa para a sala, que ela descobriu o diário como objeto de estudos e eu a descobri como diarista. Abriu-se um espaço de conversa entre nós que levou à entrega de seus diários. Esse material chegou às minhas mãos no dia 26 de agosto de 2010 em duas sacolas. Tratava-se de 4 diarinhos com chaves (sem as chaves, que veio a me entregar depois) e 5 agendas. Havia mais dois diários: um de férias que não havia sido encontrado, mas que prometeu que assim que o achasse me entregaria; e um caderno que escrevia quando estava deprimida, o qual não

---

<sup>20</sup> Os anais do congresso ainda não foram divulgados.

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles. 1988, op. cit

<sup>22</sup> LISPECTOR, Clarice. 2021. op. cit.

me mostraria. Confesso que fiquei bem curiosa para ler este caderno. O que haveria nele que não tinha nos outros? Nada ou alguma coisa?

Mesmo entusiasmada com o material, não li de imediato. Eles ficaram durante muito tempo guardados e acomodados no meu guarda-roupa. Até que fiquei muito gripada e passei uns dias prostrada de cama. Pensei que era uma boa hora para ler os diários. Talvez porque naquele momento não teria disposição para agir como pesquisadora. Seria apenas uma leitora qualquer, com tempo para não me ocupar das questões da pesquisa, o que às vezes é um fardo, ou mesmo interpretá-lo ou querer dar algum sentido àquelas páginas, o que eu não conseguiria fazer naquele momento mesmo que quisesse. Abri-os e por uns três ou quatro dias, li-os com a curiosidade de quem lê os diários de alguém próximo sem ser muito próximo. Se alguém me perguntasse na época sobre eles, diria que era um diário como o diário de qualquer outra garota, eu mesma poderia ter escrito um diário como aquele. Ele também não era diferente dos diários publicados de garotas que vinha lendo. Mesmo tendo sido escritos em épocas diferentes, os diários de garotas parecem escapar ao silêncio e ao mesmo tempo não ter nada a dizer, escrevendo “cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesma”<sup>23</sup>.

Essa insignificância foi o que me incomodou na leitura do diário dela e também na leitura dos outros diários de garotas. Era a própria insignificância daquilo que eu mesma escrevi em meu diário. Como a insignificância dos diários oitocentistas das *mocinhas de boas maneiras*, com “seus versinhos, os incentivos dos parentes, os votos das amigas”, que para Angela Alonso<sup>24</sup> não se compara ao que considera a versão mais séria do diário, a masculina. Seria, para Blanchot<sup>25</sup>, a “agradável ruminação de si mesmo, que o diarista mantém como se houvesse o menor interesse em pensar em si, em voltar-se para si mesmo”. Assim como na intrigante descrição das intenções de Maria Julieta.<sup>26</sup>

“Ganhei este caderno de papai, na tarde do dia 5 de dezembro de 1941 [...] pretendo fazer dele uma espécie de diário, narrando os principais acontecimentos destas férias, para mais tarde recordar coisas já esquecidas. Naturalmente não será um diário espiritual, isto é, contendo todos os meus pensamentos mais íntimos (o que, penso, só daria bobagens e tolices), mas um diário que eu possa mostrar a todo mundo”.

<sup>23</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005, p. 273

<sup>24</sup> ALONSO, Angela. *Nabuco na intimidade*: Diários de Joaquim de Nabuco. Novos Estudos no. 74. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento: Brasil. Mar. 2006. p. 201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Tgf6GBdFtHgZKqjWGSwn3TM/?lang=pt> acesso em: ago. 2022

<sup>25</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005, op. cit. p. 274

<sup>26</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985. op. cit., p. 7

Para Blanchot essa é a armadilha do diário. Para nós essa é a armadilha do diário de garota: sua própria insignificância entre bobagens e tolices, como se houvesse o menor interesse em pensar em si, em voltar-se para si mesmo. Assim, como se a escrita do diário fosse só mais uma entre as outras atividades de “lazer” que faziam parte da educação de uma *mocinha de boas maneiras*, como bordar, costurar ou tocar piano.

Curiosamente na edição do diário de Maria Julieta, os editores lembraram da “importância do piano doméstico, em que as meninas se preparavam para não se tornarem pianistas célebres”<sup>27</sup>. Assim como também era a escrita do diário, para não se tornarem escritoras. Tanto uma quanto a outra era uma forma de controle sobre si, uma aprendizagem ao silêncio, “que a sociedade impõe às mulheres”<sup>28</sup> e que a garota preenche com desimportâncias, mesmo quando o faz secreto.

Enquanto Lejeune<sup>29</sup> defende a tese de que “nada poderia evitar que uma garota usasse o diário como um meio de construir uma personalidade independente, de pensar por si mesma”.

Blanchot<sup>30</sup> defende “que aqueles que percebem e reconhecem pouco a pouco que não podem conhecer-se, deixam segundo suas forças, fragmentos, aliás por vezes impessoais”... e por que não, insignificantes, desimportantes, mas que “podemos preferir a qualquer outra obra” - referindo-se ao diário de escritores. Porque, segundo Blanchot<sup>31</sup>, “os arredores de um segredo são mais secretos do que ele mesmo”.

Nos diários de garota esses arredores são todas as desimportâncias. Como no registro do dia 3 de janeiro de 1917, do diário de Cecília:

“Colhemos muitos pêssegos chineses, várias espécies de ameixas esplêndidas, peras d’água deliciosas e ginja grandes e escuras. A Mamãe deu-me um chapéu de palha. Enfeitei-o com um pedaço de tule, em volta da copa, e uma grande rosa encarnada do lado. Pela primeira vez fiz um penteado de senhora, mas desmanchei-o logo. Pena que vou ter de mudar de cara em breve. Despimos a árvore de Natal. Esperamos, tomando mate, a hora de dizer adeus ao Papai. Ele foi pelo noturno para Ibirapuitã, dizendo que volta daqui a uma semana”.

<sup>27</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985. Op. Cit., orelhas do livro.

<sup>28</sup> PERROT, Michelle. 1989. Op. Cit., p. 12

<sup>29</sup> LEJEUNE, Philippe. 1997, p. 106

<sup>30</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005, p. 275-276

<sup>31</sup> Ibid. p. 278

O penteado de senhora fica assim espremido entre as outras coisas do dia, como se fosse sem importância. Penso que pesquisar sobre o diário de garota é habitar o sensível feminino entre bobagens e tolices.

Como escreve Catelli<sup>32</sup>,

“El diario íntimo de mujer sería, sin duda, el lugar de escritura más cercano a la verdad de lo diferente.

Diarios y mujeres: una doble marginalidad muy atractiva”



---

<sup>32</sup> CATELLI, Nora. 2007. Op. Cit., p. 45

*Figura 2: Capas do Diário*



Fonte: Cris Mendonça - Minha vida de menina: o livro inesquecível (crismendonca.com.br), arquivo pessoal da autora.

*Entre os quatros diários de garotas brasileiras* esse é o único sobre o qual se acumula alguns trabalhos acadêmicos. É também de longe o diário de garota mais conhecido no Brasil. Nas décadas de 50 e 60 houve um boom de edições nacionais e internacionais do diário, que foram amplamente divulgadas nos jornais da época - eu tenho comigo algumas cópias dessas reportagens enviadas por Vera Brant, amiga de Helena. O diário virou filme em 2005 e de uns tempos para cá até entrou na lista dos livros do vestibular da FUVEST. Apesar disso tudo faltava algo a me intrigar nele enquanto prática de escrita. Isso porque o diário de Helena Morley guarda muitos segredos sobre sua própria existência, desde o destino dos originais

estarem a salvo guardados num baú ou terem sido queimados, até a possibilidade de tudo não ter passado de um rearranjo de um anedotário familiar<sup>33</sup>.

Eu buscava algo que presentificasse Alice [nome da diarista, que usou Helena como pseudônimo] como diarista. Foi quando descobri uma entrevista de sua filha, Sara, concedida à pesquisadora Recchia<sup>34</sup> durante os seus estudos de mestrado. A entrevista estava transcrita nos anexos da dissertação, fora realizada por meio de uma ligação telefônica que durou uns trinta minutos. A pesquisadora deixou Sara à vontade para falar, fez apenas duas perguntas.

É no relato da filha, que a simples história da garota, que no momento de deixar o teto familiar, ao se casar, retira “do fundo de um armário uma grande caixa de papelão onde foram conscienciosamente arquivadas cartas, poemas, canções, desenhos e o diário íntimo [...] Indo embora, então, com o [seu] passado debaixo do braço”, descrita por Artière<sup>35</sup> vai ganhando forma na vida que se conta de Helena Morley. Ela é essa garota que leva o seu passado debaixo do braço quando se casa, mas que a gente só descobre na velhice.

Alice casou-se em 1900 com Augusto Mário Caldeira Brant e foi morar numa casa grande na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde viveu por mais de 40 anos, conforme conta sua filha. Depois dos seus 60 anos Helena precisou mudar-se para um apartamento, mesmo a contragosto, se pôs a organizar a mudança e começou a classificar suas coisas antigas. Segundo sua filha “começou a jogar muitos papéis fora, organizar objetos guardados por muito tempo”<sup>36</sup> e a passar a limpo seus escritos. Tratava-se daquelas famosas arrumações que todos fazemos quando vamos nos mudar, mas que segundo Artière<sup>37</sup>, parece ter deixado de nos espantar para sempre já que não nos interrogamos mais sobre elas.

Os escritos que Alice passava a limpo eram seus diários, que como conta ela, enchiam “muitos cadernos e folhas avulsas,[que] andaram anos e anos guardados, esquecidos. Durante a mudança pôs-se a revê-los e ordená-los para os [seus], principalmente [suas] netas. Conta sua filha, que Helena copiava seu diário dos cadernos velhos e amarelecidos [que] nem data tinha”<sup>38</sup>. As datas que constam no livro, foram colocadas posteriormente pelo marido de Helena, que realizou uma pesquisa buscando indícios da época, coisa que, segundo sua filha, Alice achava sem importância.

<sup>33</sup> SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>34</sup> RECCHIA, Cristal. *Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles: minha vida de meninas e as meninas*. 2008. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008 p. 92-93.

<sup>35</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, op. cit. p. 15

<sup>36</sup> Ibid. p. 92

<sup>37</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, op. cit.

<sup>38</sup> MORLEY, Helena, 1958, op. cit.

Esse considero o dado mais significativo da prática de escrita de Helena. Porque de tudo que se tem no livro, a data, é o único dado que não corresponde a Alice e se retiramos a data o diário é outro, o livro já seria outro. É nessa desimportância da data que o diário se constitui, ganha forma e contornos. Tudo se torna móvel no diário. Entre folhas soltas nem mesmo o caderno é uma garantia de continuidade, pois uma folha pode ser só um dia perdido entre certas semanas de um certo mês de um ano qualquer de algum de seus cadernos. Fica a curiosidade de como Alice foi ordenando seus cadernos e folhas ao longo do tempo em que escreveu.

Imagino que enquanto Alice escrevia seu diário, ela os guardava de algum modo, em algum lugar, seguia alguma ordem? Cada caderno terminado ou folha escrita, ocupava algum lugar determinado? Ou Alice era desorganizada com seus escritos? Quando reuniu tudo que guardava para guardar em outros lugares, seguiu-se alguma ordem? Será que Alice se importava em colocar ou manter alguma ordem?

Ela ocupa o diário na sua descontinuidade, entre a tarefa da escola e os conselhos do pai, naquilo que não se tem uma data para marcar nem eventuais rupturas do ato de escrever nem perdas de cadernos. O jogo sutil, de que fala Hébrard<sup>39</sup> “entre o caráter eventual da escritura e a permanência do escritor-autor”, fica suspenso. Talvez Alice até escrevesse todos os dias, talvez ela tenha escrito por três anos, menos ou mais. Como saber. Entre um caderno e outro qual veio primeiro e qual veio depois? Entre uma ordem e outra, como ela se arruma na escrita?

Na ordem ou na desordem que se quer escrever, o calendário no livro não passa de um adereço, é na escrita do diário que o demônio, o compositor, o provocador e o vigilante se disfarçam no tempo das coisas que acontecem. Mesmo não colocando uma data, Alice trama entre um ontem e um hoje e confabula com o tempo.

Helena faz das quintas-feiras o bom dia da Semana, é o dia que todos acordam cedo, arrumam a casa e seguem para o Beco do Moinho. Um lugar que vive deserto. Lá se lava roupa, se pesca, se toma banho e lava-se os cabelos. Um dia sem grandes acontecimentos ou eventos. Apenas um dia cheio de desimportâncias. Faz do sábado e do domingo, quando o pai vem para a casa, dias tristes e da segunda quando ele retorna ao trabalho nas minas dias alegres, tudo por causa do *suplício* de ter que ficar sentada à mesa uma hora inteira, ouvindo os causos de seu pai. Ela brinca com o hoje de um dia qualquer em que ela acha que se fosse má seria mais feliz do que era. É assim, que ela confabula com o tempo marcado em dias da semana.

---

<sup>39</sup> HÉBRAD, Jean. 2000, op. cit. p.

Não dá para saber se o diário foi escrito mesmo entre 1893 e 1895, se foi escrito por mais ou menos tempo, se o que está registrado num ano não caberia a outro, se uma entrada é sequência mesma da outra. Ou seja, nada ordenado. Um arquivo como desenhou Nora Rónai, na capa da 4ª edição do diário, *de pernas pro ar* talvez conviesse mais.

Se concordamos com Artière<sup>40</sup>, que é por *meio* “dessas práticas minúsculas, [que] construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”, essa imagem de uma garota de *pernas pro ar* é a imagem para se pensar os diários de garotas entre modos de se arquivar a vida.

---

<sup>40</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, op. cit p. 10

Figura 3: Ilustração da 4ª e 5ª edição do diário  
"Minha vida de menina"

B  
O  
B  
A  
G  
E  
N  
S

"Meninas atrevidas,  
o que é que  
vão dizer?"



T  
O  
L  
I  
C  
E  
S

Fonte: arquivo pessoal da autora



*Artière*<sup>41</sup> afirma que “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida”. Enredando o ato de escrever o diário com o ato de arquivar a vida e o de arquivar com o de publicar como se eles estivessem imbricados na relação entre o eu e o outro, entre quem escreve e quem lê. Isso porque, como argumenta, o arquivamento do eu, enquanto prática íntima, “muitas vezes tem uma função pública e sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não”<sup>42</sup>.

Isso sempre me pareceu um passo implicado demais. Como lido com diários que de algum modo foram publicados, e circularam entre arquivos familiares e públicos, se sobressaem muitas histórias e modos de arquivar entre leitores eleitos ou não. Essa prática, entendida por *Artière*<sup>43</sup>, como uma arte fazer, citando Certeau, nos coloca “dentre os procedimentos populares (minúsculos e cotidianos) que brincam com os mecanismos da disciplina e se conformam a eles apenas para superá-los”. Como afirma *Artière*<sup>44</sup>, ainda citando Certeau, estudar “a constituição pessoal de arquivos de vida é nesse sentido ‘exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância. A rede de uma anti disciplina’”.

Descobri em certo momento da minha pesquisa que Carlos Drummond de Andrade, pai de Maria Julieta Drummond de Andrade, era um escritor de diários. Isso me intrigou bastante, pois o caderno que Maria Julieta<sup>45</sup> escreve seu diário foi dado por seu pai

“Ganhei este caderno de papai, na tarde do dia 5 de dezembro de 1941. Quando o recebi, ele já estava na página 49, o que indica que já fora usado em misteres diversos e desconhecidos - para mim, é lógico”.

Ocorre-me que talvez ele também tenha lhe dado a tarefa de escrever o diário de férias, por ser um diarista, assim como quem provoca na filha aquilo que para si mesmo, tem, como ele

<sup>41</sup> ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061/1200>. acesso em: set. 2023, p. 32

<sup>42</sup> Ibid. p.32

<sup>43</sup> Ibid. p.10

<sup>44</sup> Ibid. p.10

<sup>45</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985. p.7

descreve na publicação do seu diário em 1985, uma “motivação psicológica obscura, inerente à condição de escritor, alheia à noção de utilidade profissional”<sup>46</sup>.

Ao perscrutar a relação entre ele e a filha, uma coisa era certa, a escrita, seja de diário ou de crônicas ou de cartas, atravessa essa relação e encena os contornos poéticos dos arquivos do eu em sua prática íntima e pública. Drummond não foi só um escritor de diário, ele foi um arquivista da vida cheio de caprichos e poesia. Mesmo se narrando como um diarista como qualquer outro, que como tanta gente, manteve um diário e, como tanta gente, acabou por abandoná-lo, como se a escrita fosse por si mesma ordinária, ele trama com o seu leitor, talvez, do mesmo modo que tramou com a filha ao lhe dar um caderno que começava na página 49 envolto no segredo dele mesmo.

Drummond<sup>47</sup> publica seu diário em 1985 como quem publica um capricho,

“O impulso de escrever para mim mesmo, em caráter autoconfessional, ditou os feixes de palavras que fui acumulando e que um dia... destruí. Mas a própria destruição tem caprichos. Do conjunto sacrificado salvaram-se algumas páginas que hoje reúno em livro”.

Fazia parte desse conjunto destruído as 48 páginas do caderno que ele deu a ela?

É nesses *caprichos da destruição* que o poeta vai tecendo o que pesquisador Artière<sup>48</sup> chama, no arquivamento, de “manipular a existência. Não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira”, afirma Artière; do mesmo modo podemos supor que não publicamos nossas vida de qualquer maneira, “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” Artière<sup>49</sup>.

O que Drummond publica não passa de algumas páginas inéditas entre as muitas que já havia publicado em sua coluna no Caderno B do Jornal do Brasil. O diário de Drummond é como afirma Gay<sup>50</sup> em relação a muitos diários, que só são eloquentes naquilo que omitem, no caso de Drummond toda a parte destruída. *O observador no escritório*, título do diário publicado por Drummond, vai de maio de 1943 até setembro de 1977, são mais de 30 anos com um pouco mais de 300 entradas, o que faz da parte destruída um volume considerável, mesmo que ele não escrevesse com tanta regularidade.

---

<sup>46</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. São Paulo : Companhia das Letras, 2020, p.13

<sup>47</sup> Ibid. p. 13

<sup>48</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, Op. Cit. p.11

<sup>49</sup> Ibid.

<sup>50</sup> GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

Parte desse volume, o que talvez tenha sido um outro capricho do poeta, desses, talvez, do “gosto pelo segredo que cimenta a intriga familiar”<sup>51</sup> foi entregue por Drummond a Maria Julieta. Conta o neto dele, Pedro Augusto<sup>52</sup>, na ocasião da publicação dessas outras páginas, em 2017, que seu avô as havia destacado de seu diário, guardadas em um envelope e confiadas à sua filha, Maria Julieta, que as identificou com a seguinte inscrição “Diário de papai- Família e amigos”. Tratava-se de registros que iam de 5 de fevereiro de 1945 até 16 de novembro de 1974 em 87 entradas intermitentes, abrangendo o intervalo de tempo do diário anterior. O que nos leva a concluir que ele não destruiu tudo, mas que também não entregou tudo à filha.

Artière<sup>53</sup> afirma que “não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal”, e isso parece certo, de vez que nós nos arrumamos, como podemos, entre aquilo que guardamos e aquilo que destruímos. O curioso nisso tudo é quando guardamos as nossas maçãs na cesta pessoal de outra pessoa, como Drummond parece ter feito com a filha. É como se ele se arquivasse entre os arquivos dela. Como se arquivar a vida, penso eu, fosse também, se arquivar entre outras vidas e histórias.

Por que ele entregou as páginas à filha? Quando entregou? Teria sido ou não na ocasião da publicação, em 1985? O que teria feito com os cadernos? Teria realmente destruído? O que destruiu? Por que destruiu? São só algumas questões sem resposta nessa superfície de relações entre escrever, arquivar e publicar.

Drummond morreu 12 dias depois da filha levantando suspeitas e histórias sobre o seu próprio desejo de não querer mais viver. Conta Edmilson Caminha<sup>54</sup>, na palestra sobre os 90 anos de Maria Julieta, proferida na Academia Mineira de Letras, que Drummond teria encerrado seu diário no dia do enterro da filha, em 5 de agosto de 1987. Isso me lembrou o dito de Blanchot citado por Foucault<sup>55</sup> no texto *Linguagem ao infinito*, “escrever para não morrer”, no seu sentido inverso, morrer para não escrever. Os diários parecem ter ocupado toda a vida de Drummond, entre escombros e publicidades, encerrados assim, como se encerra a vida. O poeta arquivou a vida ao que parece sem destruir o registro final, mas desse material nada ainda foi publicado.

---

<sup>51</sup> PERROT, Michele, 1989, Op. Cit. p. 12

<sup>52</sup> DRUMMOND, Pedro Augusto Graña. Uma forma de saudade. São Paulo : Companhia das Letras, 2017, p. 19

<sup>53</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, op. cit. p.11

<sup>54</sup> CAMINHA, Edmilson. 2019, op. cit.

<sup>55</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*: Estética, literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 47

Drummond não arquivou apenas os seus diários ao longo da vida. E aí está outra história de caprichos cheia de dados controversos. Do mesmo modo que fez da filha uma arquivista sua, se fez, ao que parece, primeiro, um arquivista dela, ao guardar por anos o seu diário de garota. Maria Julieta<sup>56</sup> escreveu um diário que pudesse mostrar a todo mundo, “para mais tarde recordar coisas já esquecidas”, mas que quando ficasse pronto deveria ser entregue à sua mãe. Mesmo reafirmando em sua despedida do diário o desejo de mais tarde lê-los,

“Adeus, meu diário querido. Gostei muito de você nesses 92 dias (que infelizmente não foram 100) e sei que daqui a uns anos vou reler com alegria a narração destas minhas lindas férias, em que me diverti tanto, apesar dos probleminhas de sempre. Que pena ter acabado esse período tão feliz!”<sup>57</sup>

Entre os deveres de entregá-lo à mãe e com a despedida alimentada pelo desejo de relê-lo no futuro até a publicação passaram-se muitos anos. Nesse meio tempo Maria Julieta se casou, o que ocorreu mais ou menos uns 7 anos depois de ter escrito o diário. É nesse momento de deixar o lar, que o destino do diário entre todos os outros pertences que uma garota arquiva na vida é decidido. O que levar? O que guardar? O que já não se encontra mais além da lembrança? O que se esquece? E o que é deixado para trás? Mesmo que o diário tenha passado pelas mãos da mãe e voltado ou não às de Maria Julieta, no final ele parece ter sido arquivado por Drummond.

Isso por causa da crônica *Meu pai* que ela escreveu, por conta de uma homenagem aos 75 de Drummond, organizada pela revista *Veja*, no ano de 1977. É nessa crônica que Maria Julieta<sup>58</sup> fala sobre a publicação de seu diário:

“Hesitei, antes de me decidir a escrever estas linhas sobre meu pai. Não sendo crítica literária, nem tendo suficiente isenção para examinar-lhe a obra, e conhecendo seu jeito esquivo e reservado, temi que ele pudesse julgar uma espécie de traição eu aceitar uma incumbência assim. Depois refleti: se há poucos meses ele publicou, sem consultar-me, meu diário de garota, e, ao contrário do que receou, me deu com isso uma emoção delicadíssima, por que haveria de se aborrecer agora, se eu me pusesse a lembrar episódios antigos?”

Mesmo empreendendo uma busca exaustiva desta edição, não encontrei nada. Talvez tenha sido uma publicação semelhante à primeira edição do diário de Helena Morley, de tiragem pequena mais para amigos e familiares. A única edição do diário encontrada foi a de 1985, no mesmo ano e pela mesma editora em que Drummond publicou o seu diário. E nessa edição

<sup>56</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985, op. cit. p. 7

<sup>57</sup> *ibid.*

<sup>58</sup> *id.* Melhores crônicas Maria Julieta Drummond de Andrade. São Paulo: Editora Global, 2012, p. 21

não há menção ou registro que indique tratar-se de uma segunda edição do diário. Contudo, a crônica enreda o ato de arquivar e publicar em letras minúsculas do discurso da vida e nos coloca como espectadores de traços da vida íntima.

A história da crônica entre o que poderia ser uma traição sem uma consulta ao desejo do outro, mas que se transformou em emoções delicadas, vai traçando linhas de espumas nesta linguagem entre arquivar e publicar nos interstícios da relação entre pai e filha permeada pela escrita. Por que ele publica o diário dela, mesmo receando aborrecê-la? E faz agora ela acreditar que possa lembrar episódios antigos sem aborrecê-lo? “Do sim ao não, quantos talvez?” Como escreve Julio Cortázar<sup>59</sup>: “Tudo é escritura, ou seja, fábula” (?)

Artière<sup>60</sup> afirma que o “arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”, não seria uma fábula de si mesmo ou do outro?

Veja bem: depois de escrever a Crônica Meu pai, Maria Julieta se tornou cronista no Segundo Caderno do jornal carioca O Globo, aos sábados. Enquanto seu pai era cronista no Jornal do Brasil. Conta Edmilson Caminha<sup>61</sup>, que certa vez Maria Julieta confidenciou que quando adoecia seu pai escrevia as crônicas por ela e as encaminhava ao Globo, e que quando era ele quem adoecia, ela fazia o mesmo por ele, escrevendo e encaminhando as crônicas ao Jornal do Brasil. Maria Julieta acreditava que os leitores e editores de um e de outro jornal, não percebiam a diferença, pois nunca houve reclamação.

O quanto pai e filha não confabularam: entre as folhas do diário entregue à filha, entre a numeração das páginas do caderno, entre a escrita do diário, entre a entrega do diário a mãe, entre a publicação do diário dela e dele, entre uma crônica e outra, entre uma escrita e outra? Em se confirmando que os leitores não percebiam pois nunca houve reclamação, que formas de enredamento podem tensionar a escrita de um e da outra?



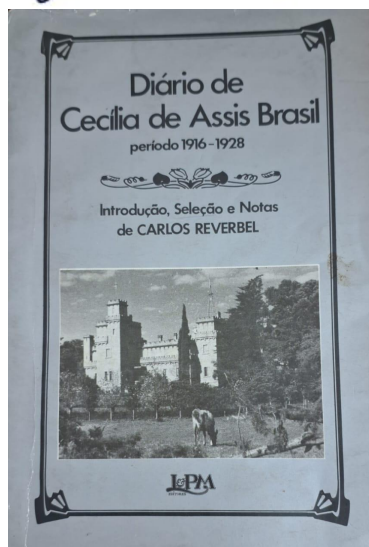
<sup>59</sup> CORTÁZAR, Julio. *O jogo da Amarelinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, cap. 73

<sup>60</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, p.11, op. cit.

<sup>61</sup> CAMINHA, Edmilson. 2019, op. cit.

## O diário de Cecília em fotos

Figura 4: Capa 1983



O diário de Cecília foi publicado em 1983  
 É uma publicação póstuma  
 Trata-se de uma seleção do jornalista Carlos  
 Reverbel dos anos de 1916-1928  
 Cecília o escreveu por mais de 16 anos  
 O diário foi publicado pela editora LPM Editores  
 Não teve uma 2ª edição

Figura 6: Cecília aos 27 anos



Figura 5: Cecília aos 17 anos

Figura 7: Cecília Assis Brasil

Cecília na Granja de Pedras Altas,  
 em 1927, acariciando um cordeiro guacho.



Retrato datado de 1917  
 Cecília colhendo aspargo  
 na Granja de Pedras Altas

Fonte das imagens: Diário publicado, 1983, arquivo  
 pessoal da autora.

Figura 8: O Castelo de Pedras Altas

O Castelo foi inaugurado em 1913.  
Recentemente foi vendido e passa por  
uma revitalização acompanhada  
pelo Instituto do Patrimônio  
Histórico e Artístico do Estado.



Fonte:  
<https://www.tribunadopampa.com.br/familia-de-assis-brasil-garante-que-venda-do-castelo-de-pedras-altas-esta-em-fase-final/>

Figura 9: A famosa biblioteca de Assis Brasil



A biblioteca é considerada  
uma das mais raras do Brasil

Fonte: Arquivo pessoal da autora

*O diário de Cecília* ocupa muitos cadernos, entre tantos outros desaparecidos. Qualquer cálculo a partir do material publicado seria impreciso devido a tratar-se de uma seleção. A pesquisa do jornalista Carlos Reverbel, organizador do diário publicado nos arquivos de Pedras Altas, levanta dúvidas sobre o início e término do diário. Afirma ele que o diário começou a ser escrito antes de outubro de 1916, data do caderno mais antigo conservado pela família, quando Cecília ia pelos 17 anos, mas o quanto antes isso aconteceu e mesmo o porquê de tal afirmação ficam sem explicação, parece coisa de quem guarda segredos, um talvez entre tantos outros que quem entra no Castelo pode vir a descobrir. Depois ele afirma que o diário prossegue até 1932, sendo o período entre 1929 e 1932 cheio de intermitências entre as páginas conservadas e numerosos os cadernos desaparecidos. Contudo Cecília morreu acidentalmente em 11 de março de 1934, a proximidade entre as datas levanta a suspeita de que ela possa ter, sim, escrito até a morte, mesmo porque a ausência do material não seria, por si só, suficiente para justificar o encerramento do diário. Do mesmo modo que não se tem os cadernos de quando ela começou a escrever, não se teria também o conjunto dos cadernos que ela escreveu nos dois últimos anos de vida.

É claro que escrever o diário lhe fora uma atividade custosa como registra em algumas entradas entre os anos que escreveu:

7 de abril de 1918 - “Por termos tido muito serviço estes últimos dias, foi-me impossível escrever regularmente o Diário, porém resolvi recomeçar agora, custe o que custar”.

31 de julho de 1928 - “Estou tão cansada, quando chega a noite, que preciso encher-me de coragem para não ir para a cama antes de escrever o Diário”.

Contudo, arquivar fazia parte do costume da família Assis Brasil, e Cecília sabia bem disso, até mesmo como espectadora, por exemplo, da atividade dos pais em classificar cartas antigas:

10 de agosto de 1925 - “Há dois meses que não cai uma boa chuva, estamos com medo que o algibe seque. O poço do Manguito Lucas já secou e eles vêm buscar água aqui. De noite fiz manteiga (25 quilos), enquanto Mamãe e Papai classificavam cartas antigas”.

É esse o sentido que parece animar Cecília, o de arquivar a vida, até mesmo, em algum momento, apenas como uma tarefa dada pelo pai

11 de novembro de 1927 - “Interrompi meu Diário justamente durante a ‘visita’ que nos fizeram Papai e Mamãe, quando ele podia ter ficado mais interessante. Vou tentar um resumo dos fatos ocorridos a partir do dia 29 de setembro [ela prossegue com o resumo e termina

assim:] Consola-nos a vaga esperança de termos Papai e Mamãe de volta para o Natal. Fiquei encarregada da Estância Nova, dos estudos da Lina e de escrever o Diário”.

Um diário é feito de muitos mas, contudos, entretantos e todavias. Nas tarefas de Cecília, assim como nas tarefas de Maria Julieta, há muita confabulação entre ela e o pai.

Segundo Maria Helena Bastos<sup>62</sup> o diário de Cecília era um “escrito privado e íntimo mantido muito bem guardado, despertando a curiosidade dos membros da família”, todavia o enredo é outro quando o pai, por motivos que se desconhece, entra como um leitor autorizado do diário, mesmo que por carta:

27 de novembro de 1916 - “Estou com grande esperança que Papai chegue hoje pelo noturno. Dele chegou, datada de 24, no Ibirapuitã, a carta em que diz ter recebido ‘a primeira folha prometida’ do meu diário”.

O que Cecília trama ao enviar ao pai a folha de seu diário? Entre quais linhas se passou tal promessa? Provavelmente tratava-se de uma cópia fiel de algum trecho do diário, mas qual? Haveria motivos para indecisões na escolha da folha a enviar?

Cecília não abre seu diário de todo ao pai, mas fissuras. O pai é o leitor daquilo que ela lhe mostra e não daquilo que escolhe. E o que ela não mostra é diferente daquilo que ela mostra? Acompanhando a seleção feita por Reverbel eu diria que não, mas Cecília devia ter motivos para mantê-lo muito bem guardado e motivos para enviar trechos dele, por carta, ao pai. Talvez se Reverbel não tivesse como foco o período revolucionário e político de Assis Brasil, pudéssemos perscrutar outras possibilidades. Contudo, penso que poderia tratar-se de uma forma de resistência, assim como explora Artière<sup>63</sup>, num discurso híbrido que resiste à interpretação, entre a tarefa de escrever e a escrita de si.

Ela escreve como uma tarefa dada pelo pai, mas se ocupa de mantê-lo secreto e quando o abre o faz por fendas. Não dá para saber o quanto do seu diário seu pai chegou a ler, até que ponto a ação de enviar as folhas do diário por cartas a ele se tornou um hábito ou logo se perdeu, se houve algum momento enquanto Cecília estava viva, no qual, ele teve acesso aos seus cadernos e mesmo como ela conservou secretamente tantos cadernos, durante tantos anos e vivendo em diversos lugares: Granja de Pedras Altas, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Rio de Janeiro e, finalmente em quatro pequenos estabelecimentos rurais, situados no departamento de Cerro Largo, a pouca distância da cidade de Melo, no Uruguai - Chácara Bela Vista, Estância Nova, Coxilha Grande e Berachi - quando esteve exilada com sua família.

<sup>62</sup> BASTOS, Maria Helena Camara. *O diário de Cecília de Assis Brasil* (1916 -1928) – práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 149

<sup>63</sup> Ibid. ARTIÈRE, 1998

Os motivos para ela ter escrito um diário durante tantos anos pode ter variado sobremaneira, mas ela registra comumente o seu dia a dia, o que se passava na casa com a família, os amigos, os visitantes e os empregados, com os afazeres e os negócios, com as plantas e os animais.

É assim que descobri que o acesso de Reverbel aos arquivos de Pedras Altas provavelmente foi facilitado, apesar de todo deferimento a Dona Quinquim, responsável pela guarda dos arquivos, pela amizade de infância entre seu avô e o pai de Cecília. Seu avô, Francisco de Macedo Couto, e o pai de Cecília foram colegas na escola primária do prof. Trajano de Oliveira, em São Gabriel, mantendo uma dessas “raras amizades de toda a vida: tinham afinidades os dois grandes amigos, entre as quais o amor ao trabalho e o gosto pela vida do campo”<sup>64</sup>.

Cecília registra a visita de seu Chico Macedo (como era conhecido o avô de Reverbel) e do próprio Reverbel à família Assis Brasil, na Estância Nova, entre os dias 6 e 8 de janeiro de 1926.

6 de janeiro - “Papai nos levou à Estância Nova. O tenente Salvaterra acompanhou a comitiva [...] Quando chegamos, tomei conta do fogo e preparei arroz e feijão mexido. Até o papai e o Seu Chico Macedo andavam correndo no campo [...] As vacas Beija-flor e a Zola Amaro deram cria. O tourinho da Beija-flor chama-se Urubu-Rei. Papai diz que vai dá-lo ao coronel Chico Macedo”.

8 de janeiro de 1926 - “O coronel Chico Macedo, com o neto de 14 anos, Carlos Reverbel, voltou para São Gabriel”.

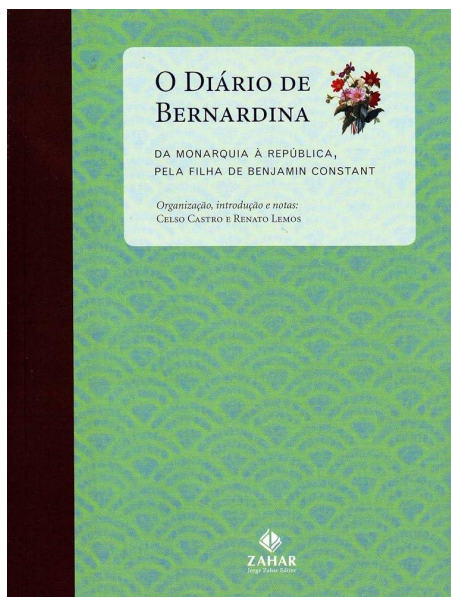
Isso me lembra a citação de Perec feita por Artière<sup>65</sup>, “existem poucos acontecimentos que não deixam ao menos um vestígio escrito. Quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel”. E a visita foi uma delas. Na época Reverbel tinha de 13 para 14 anos, não sabemos em que momento ou como ele soube do diário, se o diário dela era de conhecimento entre a família e amigos, se teria ele ouvido falar do diário naquela ocasião ou se o diário compôs as histórias que percorreram entre familiares, amigos e conhecidos após a morte de Cecília.



<sup>64</sup> REVERBEL, Carlos. Introdução. In: BRASIL, C. A. Diário de Cecília Assis Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1983, p. 120

<sup>65</sup> Ibid. ARTIÈRE, 1998, p. 9

Figura 10: A capa 2009



O diário foi publicado em 2009

Bernardina escreveu o diário quando tinha 16 anos

Trata-se de uma publicação póstuma

Os originais estão arquivados

no Museu Casa Benjamin Constant

Foi organizado por Celso Castro e Renato Lemos

Publicado pela editora Zahar

Fonte: Arquivo da autora

Figura 11: Entrada do Museu Casa Benjamin Constant



Visitei o Museu no dia  
24 de julho de 2023.  
Cheguei ao local às 10h.

Fonte: Arquivo da autora

*É a primeira vez que eu visito um Museu como pesquisadora.* Cheguei ao Rio de mochila nas costas e sozinha, isso já era uma aventura em si. Conhecer o Museu e ter em mãos os diários de Bernardina era o enredo dessa aventura. Tratava-se dos cadernos de garota mais antigos de que se tem registro no Brasil, datados de 1889. Os dois cadernos estão em perfeito estado de conservação mesmo tendo sofrido as ações naturais do tempo estando amarelecidos e com as bordas levemente deterioradas é possível manuseá-los com facilidade. Cheguei ao Museu por volta das 11 horas. Aguardei no portão enquanto minha presença era comunicada e devidamente autorizada, por estar em reforma, o Museu estava fechado à visitação pública. Ele fica na antiga residência de Benjamin Constant, local em que ele foi morar com a família logo após a proclamação da República. A casa era alugada, quando Benjamin faleceu em 1891, sendo adquirida pela União, ficou em usufruto da família. Junto à casa principal havia uma casa anexa, que após o casamento o marido de Bernardina reformou para ser a casa do casal. Essa casa hoje abriga a sede do Museu. Enquanto subia a ladeira até a propriedade fiquei admirada com a vista e a paisagem natural. Consta na página on-line do Museu<sup>66</sup> que a “propriedade é uma chácara, o que significa a existência de uma ampla área verde em plena cidade”, só não imaginava ser tão bonita. Segundo outras informações “Benjamin se sentiu maravilhado ao entrar no jardim pela primeira vez e olhar a Baía de Guanabara, bem como os telhados do velho casario lá embaixo; imediatamente disse que alugaria a casa sem nem sequer olhá-la por dentro”<sup>67</sup>. Contou-me o historiador do Museu, que antigamente havia uma estação do bondinho de Santa Teresa em frente da propriedade, o que criava uma parada particular da família.

*Figura 12:  
Casa de Benjamin Constant*



Fonte: <https://museucasabenjaminconstant.museus.gov.br/museu/>

<sup>66</sup> O Museu: Museu casa Benjamin Constant. Disponível em: <https://museucasabenjaminconstant.museus.gov.br/museu/>. acesso em: set. 2023

<sup>67</sup> ibid.

## A casa da família Benjamin Constant em fotos do Museu

Figura 13: Quarto do casal

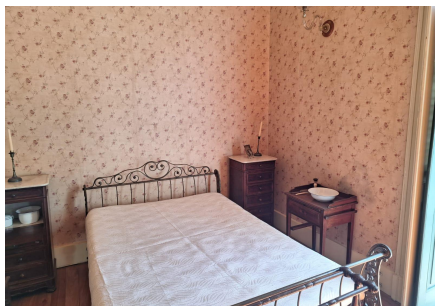


Figura 14: Sala da casa



Figura 15: Cozinha da casa



Figura 16: Quarto de Bernardina

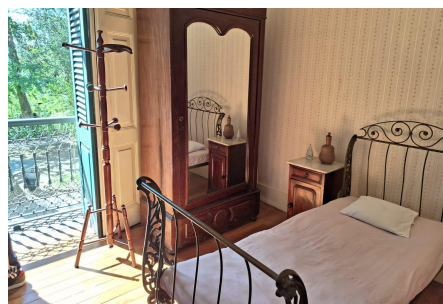


Figura 17: Canto da sala

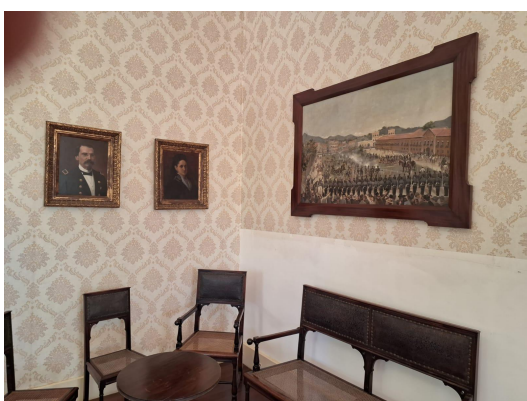
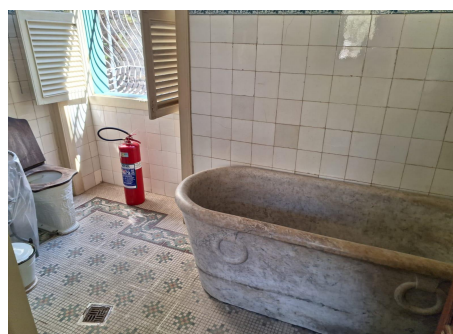


Figura 18: Quarto de banho



Fonte: arquivo pessoal da autora

*Figura 19: Casa de Bernardina*



*Fonte: arquivo pessoal da autora*

Depois de um certo acolhimento gentil do historiador ele me levou para trabalhar com os diários. Já estava tudo separado. Passou orientações e luvas para usar durante o manuseio. Autorizou fotografar o material e solicitou uso de lápis nas anotações que fosse fazer no meu caderno pessoal.

Os organizadores do diário de Bernardina, Celso Castro e Renato Lemos, encontraram o diário de Bernardina durante suas pesquisas de doutorado sobre Benjamin Constant no Museu. Localizaram um primeiro caderno, o mais conservado dos dois, que tem uma capa, e quando o texto já estava finalizado e o livro em processo de edição a equipe do Museu localizou um segundo caderno, esse sem uma capa, mas com todas as folhas preservadas do início ao fim. O fato de Bernardina escrever todos os dias sem falta contribuiu para atestar a presença de todos os registros e a sequência dos dois cadernos.

Os pesquisadores realizaram uma triagem do destino dos cadernos após a morte de Bernardina em 1928. Sabe-se pelo registro de uma entrevista realizada com o marido dela em 1939, que existiam ao menos 4 cadernos conforme o autor da matéria alegou ter folheado<sup>68</sup>. Mesmo assim, não se pode descartar a possibilidade da existência de muitos outros cadernos, primeiro porque os dois cadernos que cobrem o período que vai de agosto a dezembro de 1889, trazem na primeira folha a seguinte anotação: *Continuação das notas de 1889*, o que sugere um caderno anterior; depois porque há dois registros no livro: um de 23 de outubro e outro de 9 de novembro de 1890, que foram publicados no Diário da Noite de 23 de novembro de 1955, os quais sinalizam que Bernardina deve ter escrito pelo menos por uns dois anos consecutivos.

De acordo com o historiador Marcos, quando Bernardina se casou em 1896, ela continuou morando na casa da família, enquanto a casa anexa à propriedade estava em reforma para a moradia do casal, quando terminou a obra a casa ficou conhecida carinhosamente, considero eu, como *Casa de Bernardina*. Como ela ficou na casa dos pais e teve uma mudança só de alguns passos, penso que seus cadernos podem ter ficado anos e anos guardados tanto em uma quanto na outra casa. Talvez em vez dela foram seus familiares que se encarregaram de fazer uma triagem em seus pertences após sua morte e nesse caso as intenções poderiam ser bem diferentes das da autora. Mas é possível também que, em algum momento, ela tenha feito algum tipo de triagem em seus papéis. Talvez quando o pai faleceu em janeiro de 1891, ou quando Alcida se casou, neste mesmo ano, em novembro, e seu marido, José Bevilaqua, assumiu a responsabilidade pela família, vindo o casal residir na casa de Benjamin, ou mesmo na ocasião de seu casamento em 1896 ou quando se mudou, ou quando perdeu a mãe, Maria Joaquina, em 1921. Todas essas situações podem ter levado Bernardina a revisitar seu diário como uma forma de recordar, ou no caso do casamento da irmã e do seu, talvez como uma necessidade de re-arranjar espaços.

Benjamin teve oito filhos, 5 meninas e 3 meninos, dos 3 meninos dois morreram nos primeiros anos de vida, assim a família de Benjamin era basicamente uma família de meninas, garotas e mulheres. Além dos diários de Bernardina, o Museu abriga todo um universo de fotos, cartas, documentos, bilhetes e partituras de música a esquadrinhar. Essas garotas e

---

<sup>68</sup> CASTRO, Celso; LEMOS, Renato. Uma janela para o tempo. In: MAGALHÃES, Bernardina Botelho. *O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 7-16

mulheres circulavam na casa preenchendo os espaços com seus comentários, brincadeiras, músicas e estudos, com suas costuras e consertos e com sua culinária.

A irmã de Bernardina, Aracy, não se casou, ela residiu na casa a vida toda até seu falecimento em 1961 aos 79 anos. “Após seu falecimento, seu sobrinho neto, o General Pery, solicita ao SPHAN o retorno do terreno e das casas para a União com vistas à transformação no futuro Museu Casa de Benjamin Constant”<sup>69</sup>. Considero ela como a última arquivista da família numa casa cheia de memórias e objetos e que talvez ainda abrigasse algum caderno de Bernardina.

Sabe-se que quatro cadernos de Bernardina estiveram com seu marido e com seu filho, Mário Constant de Magalhães Serejo e após a morte dele circularam entre os arquivos de familiares até serem doados ao poder público pelo neto de Benjamin Constant, Peri Bevilaqua, o que viabilizou a organização do próprio Museu que hoje visitei. Após a morte de Peri em 1990, seu arquivo pessoal foi doado por seus filhos ao Museu e, constava entre os pertences o segundo caderno referido de Bernardina<sup>70</sup>.

Por mais que os cadernos de Bernardina tenham sido conservados historicamente em função da figura do pai e de sua participação política na Proclamação da República é significativo eles terem chegado até os dias de hoje. Trata-se do que ela, enquanto garota, tem a nos dizer sobre si, sobre uma época, sobre a sua história, que é particular, mas que também é de outras garotas.

A intenção ao buscar os manuscritos nunca foi comparar o seu conteúdo com o do livro, mas sim o contato com o suporte, com os modos como ela ocupava o diário - a grafia, a inscrição do calendário, os espaços em branco, a disposição do texto, a presença ou não de imagens. Tudo isso presentifica Bernardina. O tempo que fiquei com os diários em mãos não ultrapassou mais do que duas horas. O que escrevo agora são algumas impressões que guardei desse contato.

---

<sup>69</sup> O Museu: A família de Benjamin Constant. Disponível em: <https://museucasabenjaminconstant.museus.gov.br/familia/>. acesso em: set. 2023

<sup>70</sup> CASTRO, Celso; LEMOS, Renato. 2009, op. cit.

## Diário manuscrito de Bernardina

Figura 20: Capa do caderno 1

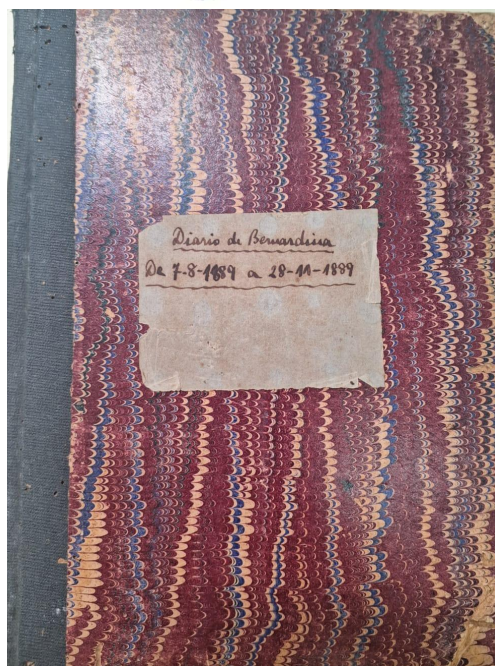


Figura 21: primeira folha do caderno 1

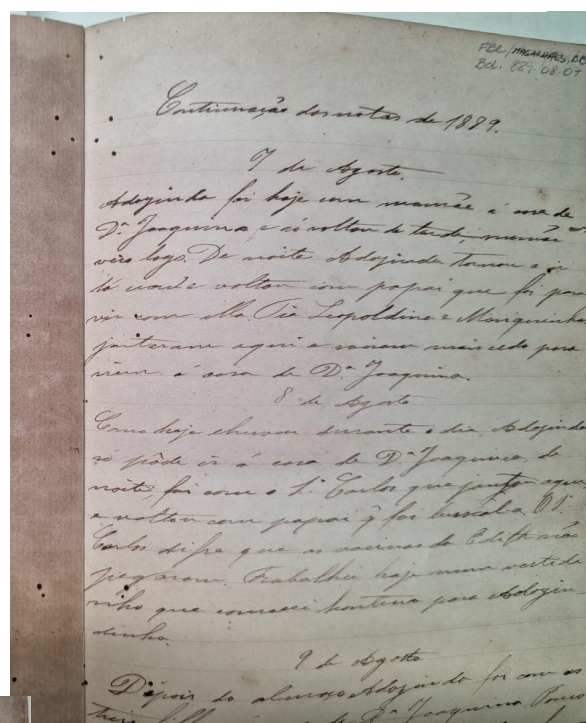
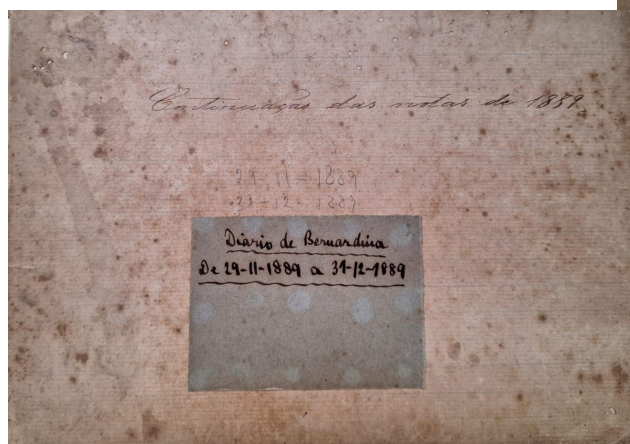


Figura 22: primeira folha do caderno 2



Os dois cadernos começam com a inscrição: "Continuação das notas de 1889".

O caderno 2 estava sem capa

Fonte das imagens: arquivo pessoal da autora

Ler os manuscritos era bem diferente de ler o livro, mesmo que tivesse conhecimento antecipado pelo livro, o diário parecia-me outro na relação com a autora e até mesmo com o conteúdo, que difere do livro na forma que se apresenta. São folhas e folhas recheadas pelo movimento repetitivo dentro da casa. Não há lacunas, nem espaços em brancos, tudo é escritura. Entre uma entrada e outra apenas a inscrição centralizada do calendário. Contudo a lentidão para entender a grafia pequena, inclinada e de traços alongados, parece que vai diluindo a repetição do texto tão martelada no livro pela própria velocidade na leitura. Eu lia no livro cinco folhas e parecia não ter lido nada diferente. Nos manuscritos a leitura é lenta e acaba que você vai compondo o enredo com a diarista, mesmo que ela escreva quase todos os dias a mesma coisa, já não parece ser mais a mesma coisa, é como se a passagem do tempo mais lento conferisse menos densidade à repetição que se compartilha com a escritora. É assim que a forma das coisas vai mudando minha relação com o conteúdo das coisas.

O próprio trabalho exaustivo de compreender a grafia nos obriga a parar. Paradas como leitora e como pesquisadora dos diários. É nesse movimento de parar, que o tempo parece outro. Mesmo tendo passado mais de um século entre a escrita do diário e a minha leitura hoje, esse tempo não parece ter percorrido toda essa distância, o tempo que levo para ler é o mesmo tempo que me aproxima dela. Como argumenta Lejeune<sup>71</sup> é o tempo que permite mais empatia. É como se cada palavra, cada traçado e cada página lida me fizesse ver a garota que o livro esconde. A garota viva que escreve de fato, que se debruça incansavelmente todos os dias e por alguma razão em simples folhas de cadernos, que parece quase sempre escrever apressadamente deixando o traçado das letras mais corrido, que não abre espaço para o outro ou mesmo para si mesma no texto, que ocupa todos os espaços vazios, assim como quem também se ocupa dos vazios da casa, entre quem sai e quem chega nela, ela preenche tudo como expectadora, como quem olha dos cantos, pelos cantos. Enquanto na leitura do livro construí uma imagem frágil de Bernardina, talvez por ter seus escritos editados, nos manuscritos ela me parece outra, forte pelo simples ato de escrever. Como tem força o corpo, que se apossa de uma caneta que desliza sobre uma folha de papel.

Um diário manuscrito também guarda dados, que a publicação simplesmente apaga. Talvez por parecerem irrelevantes. Curiosamente Bernardina repete durante o mês de setembro o mês de agosto, em vez de escrever *1 de setembro*, escreve *1 de agosto* para depois riscar o mês escrito e escrever em frente *setembro*. E isso não ocorre em um ou dois dias, é praticamente o mês todo assim, inscrevendo a data do mês anterior no atual. Isso não se observa nos meses

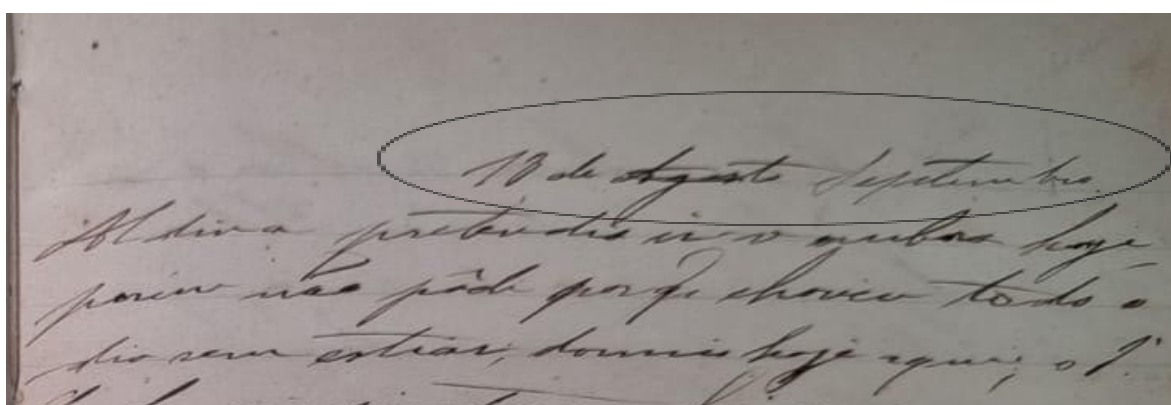
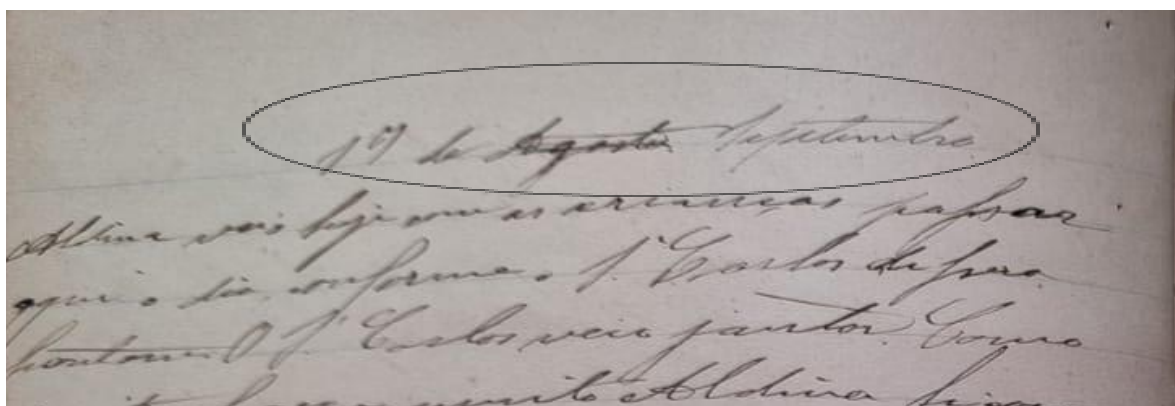
---

<sup>71</sup> LEJEUNE, Philippe. 1997, op. cit.

seguintes. Não há como compreender essas sutilezas da escrita, o que aconteceu entre setembro e agosto para provocar erros na inscrição do mês. E “o tempo não para”<sup>72</sup>.

Outro dado é que os dois cadernos são de tipos diferentes, são pequenos, mas um com pautas em pé e o outro com pautas deitadas. O que talvez indicasse uma certa falta de opção em escolher entre um e outro. Enquanto ela ocupa todo o primeiro caderno, escrevendo até na folha de rosto, o segundo caderno ela termina com várias páginas em branco, esse caderno encerrava o ano de 1889, o que seria motivo para começar um novo caderno no novo ano. Colocar as coisas em ordem é um modo de se arrumar para si e para os outros.

Figura 23: Folhas do caderno 1



Fonte das imagens: arquivo pessoal da autora

<sup>72</sup> CAZUZA. O tempo não para. 1988



*Os diários que pesquiso* foram escritos no entre séculos, final do século XIX e início do século XX, um período de transição entre uma educação feminina que ainda se dava mais em casa do que na escola. É em meio aos estudos “escolares”, próximas dos objetos de escrita, que essas garotas começaram a escrever seus diários. O caderno nessa época já tinha se tornado, segundo Hébrard, um dos objetos mais comuns na vida cotidiana das pessoas, tendo se popularizado na escola.

É aprendendo a escrever que essas garotas vão também aprendendo a escrever sobre si mesmas, nos *Cadernos à vista* de Mignot<sup>73</sup> “guardados e escondidos em gavetas, caixas e armários, [...]repletos de letras trêmulas, borrões de tinta, traços vermelhos, decalques, exercícios, frases edificantes, bilhetes, elogios, reprimendas”, ficam marcas da aprendizagem e da escrita. Do exercício nos cadernos escolares, outros tomam formas diversas, alguns tornando-se diários, como no caso dessas garotas.

Os dois cadernos de Bernardina (1873 - 1928), que manuseei eram bem diferentes um do outro, na forma e na disposição das pautas, mas deviam seguir o conjunto de seus materiais escolares. Isso porque ela escreveu o diário no mesmo período em que tinha aulas em casa. Ao que tudo indica Bernardina não frequentou a escola. Alvina, então professora de música do Instituto dos Meninos Cegos, ia até sua casa para lhe dar aulas de piano, aritmética e gramática, entre outras matérias. Contudo, pelos registros no diário, essas aulas não tinham muita regularidade, talvez, porque seguissem a rotina do trabalho de Alvina no Instituto e não era sempre que ela podia dar aulas a Bernardina. Conforme foi registrado no dia 11 de setembro em seu diário, “Alvina veio; mas, conforme me dissera anteontem, não pode dar-me lição”. Nessa época Alvina estava envolvida, junto aos alunos do Instituto, com os ensaios da missa do Gorgolino, ensaios que Bernardina chegou a assistir, junto com sua irmã Alcida, no dia 4 de setembro. Bernardina faz poucas referências às suas aulas, e quando o faz o faz de modo vago: *Eu dei aula com Alvina*.

Os meandros que levam um caderno escolar a se tornar um diário são de difícil apreensão, os gestos envolvidos na escolha do material e o uso desse ou daquele caderno é cheio de

---

<sup>73</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Org.) *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 7

interfaces. Diante da diferença entre seus cadernos, imagina-se que Bernardina não dispunha de espaço para preferências. Na contracapa de um de seus cadernos havia um pequeno panfleto do local em que foi adquirido o material. Tratava-se de uma fábrica de livros de escrituração. Curiosamente, no panfleto constava, junto ao endereço, um número manuscrito que deveria ser indicado quando se quisesse ter um livro igual àquele.

*Figura 24: Panfleto fixado no verso da capa do caderno!*



*Fonte: arquivo pessoal da autora*

A questão é quem comprava os cadernos? Bernardina só saía de casa acompanhada, e as compras eram de responsabilidade da mãe. Além de Bernardina, quem iria se ater a esse número? O material poderia também ser trazido por sua professora. Daqui podemos tirar que uma garota tinha que lidar com muitas coisas na construção de um espaço todo seu.

Helena Morley nasceu 7 anos depois de Bernardina em 1880, na cidade de Diamantina. Apesar da pouca diferença entre as duas e de Bernardina ter nascido numa cidade maior como o Rio de Janeiro, é Helena quem frequenta a escola. Ela também escreve seu diário enquanto estuda, até mesmo como uma tarefa escolar. Conta ela que, na Escola Normal, seu professor de português exigia dela e de suas colegas uma composição quase diária, que chamavam de “‘redação’ e que podia ser, à escolha [delas], uma descrição, ou carta ou narração do que se dava com cada uma. Helena achava mais fácil escrever o que se passava em torno [dela] e entre [sua] família, muito numerosa”<sup>74</sup>. Quando o diário aparece como uma possível tarefa escolar, o caderno se torna o meio de escrita mais certo. Onde mais uma garota escreveria sobre si, senão num espaço que já é todo seu?!

A escola acaba por dar meios e familiarizar essas garotas com os suportes de escrita, o caderno passa a ser um material acessível entre tantas folhas e linhas em branco um espaço aberto à escrita de si. Contudo é nas relações familiares que a prática de escrever diário se desenrola. Conta Helena que seu pai lhe fez tomar o hábito de escrever o que se sucedia com ela quando garota:

“Sempre que eu desejava criticar alguém meu pai me pedia para não o fazer diante dele ou de mamãe ou mesmo diante de minhas amigas. Mandava que eu escrevesse tudo, desabafasse diante de uma folha de papel”<sup>75</sup>.

É assim que Helena faz de uma tarefa escolar e dos conselhos do pai um diário de *pernas pro ar*. Mas acredito que sempre tem algo que nos escapa, entre os motivos e a escrita de si, na prática de escrever o diário sempre tem o secreto. Não dá para responder o porquê uma garota escreve diário sem se ater às sinuosidades da trama familiar e sem se aproximar da história e dos movimentos dos suportes na escola, que não serão objeto de destaque nesse trabalho, contudo esses contornos às vezes são até mais secretos do que o conteúdo de um diário.

Veja a história de Maria Julieta (1928 -1987), ela escreveu seu diário em um caderno comercial, nada convencional para uma garota. Ela ganhou o caderno de seu pai. O qual já tinha marcas de uso que presentificavam um conteúdo ausente e estranho à ela. Há entre ela e o pai, ao receber esse caderno, falas e gestos desconhecidos para nós. E é esse caderno que vira seu diário de férias. Mas não era só um diário de férias, era um diário que quando ficasse pronto deveria ser entregue à sua mãe. Não é difícil pensar que se tratava de uma tarefa, já que boa parte de suas férias seria na casa da avó longe dos pais, mas o que essa tarefa teria a

<sup>74</sup> MORLEY, Helena. *Minha vida de Menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958, n.p.

<sup>75</sup> SUCESSO NOS ESTADOS UNIDOS: A infância de Helena Morley. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 6 jan. 1958

ver com o suporte? Não poderia ter sido qualquer outro tipo de caderno? O que trama o pai quando lhe dá um caderno de uso pessoal e comercial? Um caderno que não fazia parte das coisas de uma garota. Por que um caderno já usado? Com páginas numeradas? Que usos fez Drummond daquele caderno antes de dá-lo a Maria Julieta? E por que no meio de tudo isso ela deveria entregar o diário a mãe? Quem decidiu isso?

Adentrar a intimidade familiar é adentrar o campo dos segredos que, segundo Perrot<sup>76</sup>, “cimenta a intriga familiar”.

Há tanto no diário de Helena quanto de Maria Julieta, a ideia do diário como controle sobre si mesma presente historicamente na recomendação do diário às jovens solteiras, conforme estuda Perrot, mas quantas coisas não cabem nessa ideia de controle?: uma tarefa, um caderno usado, páginas numeradas, um leitor destinatário, um conselho. E por mais paradoxo que possa parecer o secreto habita esse espaço de controle, ele está em cada lacuna, em cada espaço em branco, o quanto de secreto não havia em um caderno estranho ao universo de uma garota, em folhas ausentes e em um conteúdo desconhecido?

Como essas garotas lidam com esses espaços entre estes suportes? Ela se dá ao direito de ter uma escrita toda sua?

Para Maria Julieta<sup>77</sup> uma coisa era escrever a “famosa carta para Luís Jardim, que lhe custou uma hora de labuta e três dias de dor de cabeça (sem exagero!), outra coisa era escrever o diário: não me preocuparei em escrever com pompas, ajeitando frases, evitando palavras repetidas”. É nesse quase desinteresse pela escrita em sua elaboração, na repetição desajeitada de frases e palavras que essas garotas vão descobrindo um espaço todo seu?

O diário de Cecília é um dos mais longos. Ela começou a escrever quando tinha uns 16 anos e segue escrevendo por mais ou menos 15 anos ininterruptos, contudo disso se preservou muito pouco. Penso que o diário perdurou por tanto tempo devido ao fato de Cecília não ter se casado, porque “não (haveria) lugar para tal forma de escrita no quarto conjugal”<sup>78</sup>.

Diferentemente das outras autoras, Cecília não escreveu seu diário durante seu período escolar, mesmo porque não há no diário registros de que ela tinha algum tipo de aula. Provavelmente sua formação escolar se deu no seio da família, do mesmo modo que em 1927 ela ficou encarregada dos estudos de Lina, sua irmã caçula, ela deve ter aprendido, quando mais nova, com suas irmãs mais velhas.

<sup>76</sup> PERROT, Michele, 1989, op. cit. p. 12

<sup>77</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985, op. cit. p. 7

<sup>78</sup> PERROT, Michele, 1989, op. cit. p. 14

Tanto ela como seus irmãos “eram muito estimulados, em casa, a ler clássicos da literatura e a aprender línguas. Cecília lia fluentemente em inglês e em francês”<sup>79</sup>. Segundo Bastos<sup>80</sup> ela era uma “leitora voraz, lia de tudo, romances, história, geografia, agricultura e pecuária”. Além disso, Cecília também podia ser considerada uma autodidata,” por muito tempo estudei história natural no escritório do papai” (2 de novembro de 1916); “estive na biblioteca para ver o livro de cobras, do Vital Brasil. Não se entra lá sem aprender ou ver alguma coisa nova” (27 de novembro de 1916). Ela tinha livre acesso a biblioteca paterna, “com mais de 15 mil volumes, sobre todas as ordens de conhecimentos, especialmente ciências, artes e indústrias agrícolas, mas incluindo também clássicos da literatura em francês, inglês e latim”<sup>81</sup>, mas isso não significa que podia ler qualquer obra, tudo passava pelo controle da mãe.

Por ser um diário muito longo, os motivos dela escrever podem ter variado ao longo do tempo. Em 1927, ela interrompeu o diário por mais de um mês, para depois voltá-lo a escrever, seguindo agora como uma tarefa dada pelo pai, segundo Cecília, o pai a tinha deixado encarregada de escrever o diário. Como escrever o diário lhe era uma atividade custosa desde os primeiros anos de escrita,

7 de abril de 1918 - “Por termos muito serviço estes últimos dias, foi-me impossível escrever regularmente o Diário, porém resolvi recomençar agora, custe o que custar”.

Talvez o diário tenha sido uma tarefa desde o início ou não.



---

<sup>79</sup> KERN, Daniela. *Cecilia Assis Brasil: a cronista de Pedras Altas*. Revista eletrônica PUC/RS. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/635/464>. acesso em: set. 2023, p.2

<sup>80</sup> BASTOS, Maria Helena Camara. 2000. op. cit. p. 150

<sup>81</sup> Ibid. p. 145-146

*Enquanto na tradição francesa*<sup>82</sup>, o diário é recomendado pela mãe ou pela professora, que vigiam a escrita da garota, no Brasil a recomendação ou a tarefa de escrever o diário, curiosamente, está relacionada ao pai.

Essa influência paterna nas práticas de escrita de garotas é observada por outras pesquisadoras na formação das escritoras brasileiras. Quem aborda o assunto é Maria Arisnete C. Moraes<sup>83</sup>. Ela cita a história de Sophia Lyra, que aprendeu a escrever com o pai. Conta Lyra que no colégio ela tinha uma caligrafia péssima, e que por isso, a princípio, o pai recopiava as suas notas de aulas, mas depois de um tempo os dois já estavam apostando quem fazia melhor. Em continuidade a escritora Lyra afirma conservar traços que são a imitação da letra de seu pai.

Essa intimidade no ato de escrever entre pai e filha aparece também no diário de Cecília de modo até mais comprometedor. Em 11 de dezembro de 1916 ela transcreve no diário uma carta comercial que escreveu para o dr. Baltazar de Bem. É o pai quem redige o trecho final como se fosse a filha e a carta segue assinada por ela:

11 de dezembro de 1916 - “Empacotei as sementes e escrevi uma carta nestes termos ao dr. Baltazar de Bem: ‘O Papai falou-me no seu pedido de sementes de eucalipto. Remeto hoje 72 pacotes de General Roca, cada um contendo 10grs.de sementes. Peço-lhe o favor de dizer se também quer semente de outras espécies, tais como Rostrata tereticórnio, Eugenioides, Corynocalix e Globulus, das quais temos sementes muito especiais. Breve haverá outras. Suponho que V.Exa. vai colocar as sementes em alguma casa, que as venderá pelos preços correntes, guardando uma comissão; por isso não estabeleço preço. Parece, entretanto, que, devido à novidade e qualidade da espécie, a semente Roca podia ser vendida como as mais caras. Segundo a nossa experiência, cada 10grs dessa espécie contém acima de 400 sementes fecundas. Sou muito grata à sua amabilidade e terei prazer em lhe ser útil - Cecília Assis Brasil’. Do ‘Suponho’ em diante foi o Papai que escreveu”.

Tudo na história dessa carta era incomum: uma garota participar de atividades comerciais, negociar produtos e escrever uma carta comercial - “grosso modo, o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens”<sup>84</sup>. Mas, na intimidade das relações

<sup>82</sup> LEJEUNE, Philippe. 1997, op. cit.

<sup>83</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.123-144

<sup>84</sup> PERROT, Michele, 1989, op. cit. p. 10

entre pai e filha, a escrita, mesmo sendo um fruto proibido às mulheres, vai intermediando a ocupação de outros espaços e de outros modos de intercambiar conexões.

A história da escritora Júlia Lopes de Almeida<sup>85</sup>, é um bom exemplo de como o pai dá à filha visibilidade nos espaços públicos. Conta ela em uma entrevista concedida a João do Rio, o estratagema que seu pai utilizou para que ela escrevesse seu primeiro artigo: ele alegou que o editor do jornal havia lhe encomendado um artigo, quando na verdade isso nunca ocorreu. Segundo Moraes, é assim que nascem as escritoras, com o apoio e o incentivo do pai.

O estratagema do pai de Júlia lembra os estratagemas de Drummond. Ele cria um espaço e um enredo para ela escrever o diário. Mesmo que ele nunca tenha feito uso daquele caderno, ele existe naquele espaço, assim como o secreto daquilo que ele possa ter escrito ou não. É bem provocativo o caderno que Drummond dá à filha, se não fosse isso teria ela escrito o diário? Assim como se não fosse a insistência do pai de Helena para que ela escrevesse o que se passava consigo, teria ela escrito o diário?

É assim que a escrita vai se emaranhado nessas relações entre pai e filha e de muitos modos. É o modo como Bernardina escreve, em forma de notas, que leva os organizadores do seu diário a supor que ela escrevesse por influência do pai, que costumava ter cadernetas onde também anotava entre outras coisas assuntos pessoais.

Eu não sei se daria para assinalar algumas diferenças entre escrever sobre a vigília da mãe ou influenciada pelo pai, contudo o pai ao criar enredos e provocar a filha parece abrir outros espaços de escrita, menos vigiados. Mesmo quando se pressupõe que o pai tenha interesse em ler o diário que a filha escreve, isso se faz em outras tramas. Nada tão intrigante como a promessa entre Cecília e o pai:

27 de novembro de 1916 - “Estou com grande esperança que Papai chegue hoje pelo noturno. Dele chegou, datada de 24, no Ibirapuitã, a carta em que diz ter recebido ‘a primeira folha prometida’ do meu diário”.

Como se constitui tal promessa? Quais as linhas e os contornos de uma promessa íntima? Fazia parte dessa promessa enviar a folha por carta? O que havia entre ela, o pai e a escrita do diário?

Um dado curioso, a se pensar, sobre essa influência paterna na escrita do diário é a formação das famílias. A família de Bernardina, Maria Julieta e Cecília era basicamente uma família de mulheres. Maria Julieta era praticamente filha única, seu irmão, Carlos, morreu poucas horas

---

<sup>85</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. 2000. op. cit

depois de ter nascido. Bernardina teve 3 irmãos, mas dois faleceram nos primeiros anos de vida e 4 irmãs. A casa de Bernardina era uma casa de mulheres. Cecília teve muitas irmãs, do primeiro casamento do pai foram duas e do segundo 5, enquanto teve apenas 2 irmãos.

*Figura 25: Família Assis Brasil*

*Por ser a primogênita,  
acreditase que  
Cecilia seja  
a jovem da foto.*



*Cecília nasceu em Washington DC em 26 de maio de 1899. Ela era a primogênita do segundo matrimônio de Assis Brasil com Lídia de São Mamede. Do primeiro matrimônio do pai, Cecília tinha duas irmãs: Maria e Carolina. Do segundo matrimônio eles eram em 8, sendo 6 mulheres e 2 homens: Cecília, Lídia, Joaquina, Francisco, Joana, Dolores, Joaquim e Lina.*

Figura 26: Família Benjamin Constant



Bernardina está no colo do pai, Benjamin Constant.  
Bernardina nasceu em 15 de abril de 1873.

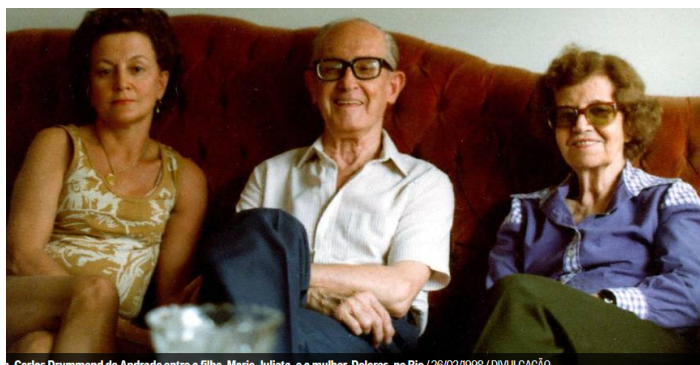
Fonte: arquivo pessoal da autora

*Figura 28: Drummond e Maria Julieta*



*Figura 29: Pai e filha, Belo Horizonte 1933*

*Figura 27: Família de Drummond*



*Maria Julieta nasceu no dia  
4 de março de 1926  
em Belo Horizonte.*



<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/carlos-drummond-de-andrade-21642836>



**Suportes?** A ausência do material também caracteriza a pesquisa em possibilidades. Como manuseio livros e não tenho a posse de manuscritos, fico entre a história da bibliografia material das escrituras ordinárias e as descrições, aproximações, ilustrações, informações que pipocam aqui e ali entre editores, organizadores, diaristas e familiares.

Ao final da bibliografia material das escrituras ordinárias, Hébrard<sup>86</sup> concluiu:

“O caderno se torna um suporte familiar, pronto para submeter-se a todas as exigências das escrituras pessoais”.

Essa familiaridade, é a familiaridade escolar, a familiaridade aprendida na escola: “a aprendizagem sutil dos gestos gráficos, a arte de redigir textos e a maneira de dispô-los segundo organizações particularmente normatizadas”<sup>87</sup>.

O caderno dava conta, segundo Hébrard<sup>88</sup>, de resolver “a articulação entre a prática, o gênero de escritura do diário pessoal e o suporte que o recebe” em torno da exigência da continuidade textual.

Penso que essa exigência e familiaridade submete-se a outra: a nossa familiaridade com as escrituras pessoais; entre os modos e as maneiras que a diarista ocupa aquele espaço, como o caderno vai se tornando familiar e mesmo íntimo aos seus gestos de escrita?

Quando penso em suporte lembro da contínua questão de Tânia Regina Oliveira Ramos<sup>89</sup>: “em que espaço a mulher se dá o direito de ter uma escrita toda sua?” Não parece se tratar só de uma familiaridade gráfica, trata-se também, demasiadamente, de ocupação. E penso que historicamente a mulher vem ocupando-se de si em instalações provisórias, como os cadernos de receita e das contas da casa. Um bom exemplo é o diário da tia avó de Lygia Fagundes Telles<sup>90</sup>, “velhota e ainda virgem”, como Lygia a descreve, escrevia em um caderno de capa preta, “seus pensamentos de mistura com as anotações dos gastos da casa, nos espaços entre o

<sup>86</sup> HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoa e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 59

<sup>87</sup> *ibid.* p. 57

<sup>88</sup> *Ibid.* p.57

<sup>89</sup> RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Querido diário: agenda é mais moderno In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.192

<sup>90</sup> TELLES, Ligia Fagundes. Mulher, mulheres. In: PRIORE, M. D. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 670

preço da cebola e o caixote de sabão. Confissões sonhadoras feitas com a fina pena de ganso (ou pato) e com tinta roxa, a cor da paixão”.

De certo modo a mulher precisou aprender a ocupar espaços entre outros espaços, a escolher tons e contornos para dizer eu, a escrever sob olhares vigilantes e a enfrentar a crítica ostensiva de suas escrituras - o avô de Lygia apontava para o caderno de capa preta de sua tia avó e declarava Caraminholas. E como bem lembra Lygia<sup>91</sup> “segredo saindo da pena de mulher casada só podia ser bandalheira”...referindo-se aos diários de mulheres. A mulher foi aprendendo a se desembrulhar entre tímidas arremetidas, como escreve Lygia<sup>92</sup>, “com suas dúvidas e esperanças espartilhadas como elas mesmas, tentando assumir seus devaneios”.

E as garotas? Os diários de garotas carregam outros sentidos de ocupação. O diário entre as jovens burguesas do século XIX, de acordo com Maria Teresa Cunha<sup>93</sup>, servia tanto para prolongar o aprendizado da escritura, como para as escreventes interiorizarem normas sociais e aprenderem um certo domínio sobre si mesmas, assim como um espaço de formação deveria ser adequado a uma *mocinha de boas maneiras* em seu conteúdo e forma. Porém, uma das imagens mais provocativas de ocupação desse espaço a emoldurar um diário escrito no final do século XIX, vai no sentido inverso dessa toalete *de boas maneiras* e move o meio das escrituras pessoais. Refiro-me à ilustração da capa da quarta edição do diário de Helena Morley desenhado por Nora Tausz Rónai em 1958:

---

<sup>91</sup> *ibid.* p. 672

<sup>92</sup> *ibid.* p. 672

<sup>93</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro*. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: acesso: abr. 2009

Figura 30: Capa da edição de 1958



Fonte: Diário publicado, 1958  
arquivo pessoal da autora

A ilustração me remete ao título de um ensaio de Tânia Regina Oliveira Ramos<sup>94</sup>, publicado em 1990: *Meninas atrevidas, o que é que vão dizer?* E o que poderia dizer uma *mocinha de boas maneiras*, fosse no final do século XIX, em meados da década de 40 ou nos dias de hoje? Ora, aquilo que todo mundo pode ler, mesmo que não seja lido e que não se queira que seja lido, que não é um derramar-se “nas páginas de seu diários, impregnando-as com seus sonhos e devaneios, com seus enlevos e desencantos do coração”, como pensava Reverbel<sup>95</sup>, mas sim algo mais trivial, um conteúdo que parece não querer levar a lugar algum, como se refere Ramos<sup>96</sup> aos diários/agendas de garotas. É isso que faz das *pernas pro ar*, de um corpo de garota debruçado sobre um caderno a escrever, uma provocação nessa trama de

<sup>94</sup> RAMOS, Tânia Regina Oliveira. 2000. op. cit. p.192

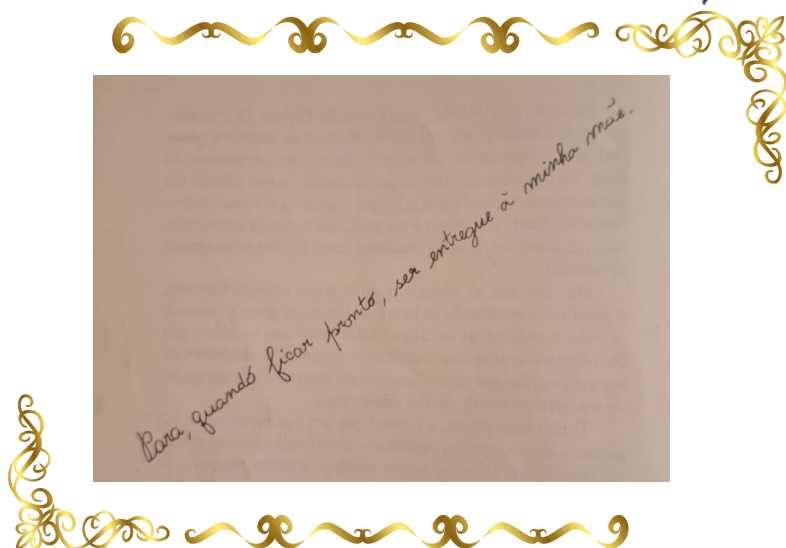
<sup>95</sup> REVERBEL, Carlos. 1983, p.6

<sup>96</sup> RAMOS, Tânia Regina Oliveira. 2000. op. cit.

desimportâncias. A questão assim parece não ser tanto o que elas escrevem, mas os modos como elas ocupam aquele espaço.

As *pernas pro ar* é a bagunça de Maria Julieta. Ela escreve seu diário de férias em um caderno comercial, nada convencional para uma garota, e o transforma, em intenções, numa *bagunça bem bagunçada* contando ainda com ajuda de Deus - *se Deus me ajudar*, o que mais parece uma profanação a ordem das coisas. Para que? Para descontinuar uma continuidade imposta por uma paginação impressa ou manuscrita, que fosse? - “Quando o recebi, ele já estava na página 49”. Para descaracterizar o uso do caderno em “mistérios diversos e desconhecidos para ela”? Para mascarar seus pensamentos mais íntimos em um espaço que pretendia ser aberto a todo mundo? Para não se preocupar com uma escrita com pompas igual “a sua famosa carta a Luís Jardim, que lhe custou uma hora de labuta e três dias de dor de cabeça (sem exagero!)?” Para se desviar na escrita do dever de entregar o diário à mãe quando ficasse pronto?

Figura 31: Folha manuscrita do diário publicado



Fonte: Diário publicado 1985  
arquivo da autora

O que Maria Julieta parece fazer é ocupar o caderno, como quem ocupa um quarto que fora de outro (o caderno do pai) e agora é seu, espalhando seus pertences sem muita ordem: “neste caderno-diário colarei e transcreverei tudo o que me agrada ou interessar: máximas, poses de

artistas, garotas de Alceu, caricaturas e uma série de outros nadinhas que encontrar por aí, nesse mundo grande<sup>97</sup>.

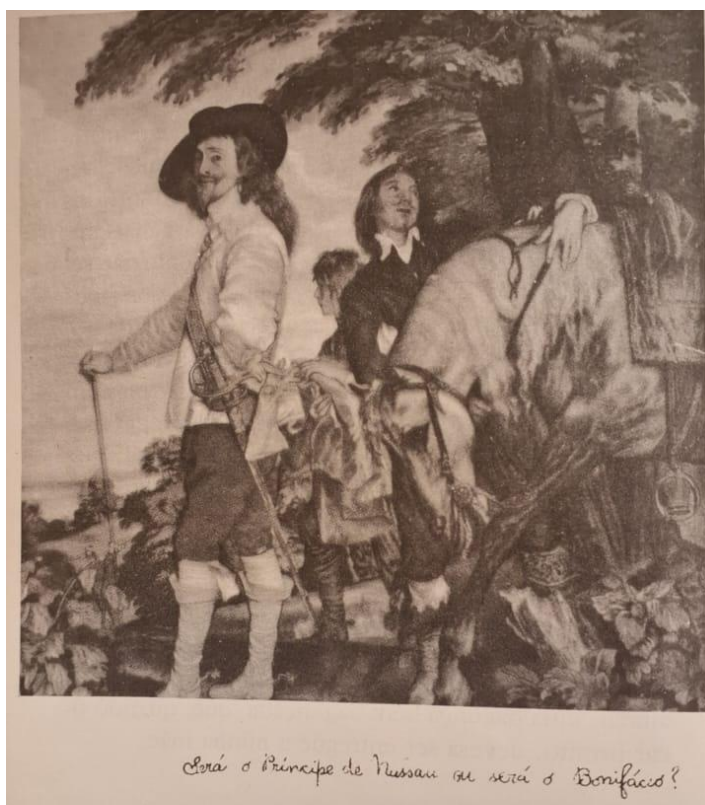
Ela ocupa e se ocupa de sua bagunça na escrita do diário, como quem se ocupa de suas desimportâncias entre outras desimportâncias.

Que lugar ocuparia tais desimportâncias na feitura e nas leituras possíveis de um diário?

Desimportâncias como no questionamento sobre os personagens do quadro, onde ela brinca com a semelhança entre os personagens do quadro e as figuras históricas:

O que Nassau ou Bonifácio estão fazendo no diário de férias de uma garota?

*Figura 32: As peripécias de Maria Julieta*



*Quê o Príncipe de Nassau ou será o Bonifácio?*

*Fonte: Diário publicado, 1985, arquivo da autora.*

<sup>97</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985, op. cit. p. 7

Ou nos episódios que nomeia históricos, mas que parecem de menor relevância na história oficial, mesmo publicados no jornal: a Caridade de Franklin em uma carta ao senhor Benjamin Webb, as travessuras de meninos com a cabeleira do filósofo Sócrates e a recusa de dinheiro ilícito de D. Bosco para as obras da igreja.

## Figura 33. Episódios (nada) históricos

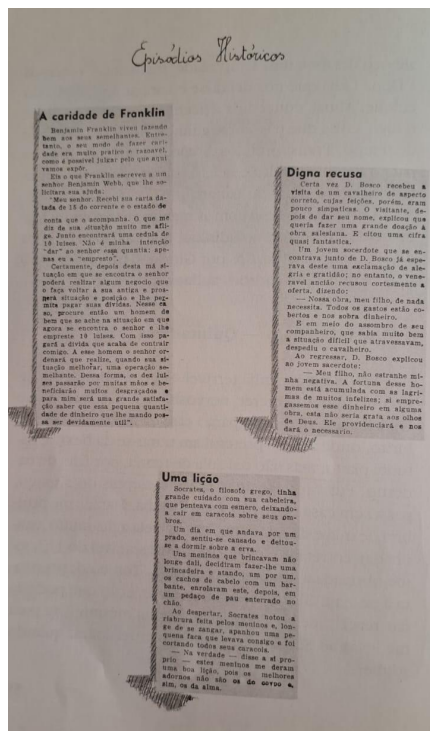
### A caridade de Franklin

Benjamin Franklin viveu fazendo bem aos seus semelhantes. Entretanto, o seu modo de fazer caridade era muito prático e razoável, como é possível julgar pelo que aqui vamos expor.

Eis o que Franklin escreveu a um senhor Benjamin Webb, que lhe solicitara sua ajuda:

“Meu senhor. Recebi sua carta datada de 15 do corrente e o estado de conta que o acompanha. O que me diz de sua situação muito me aflige. Junto encontrará uma cédula de 10 luises. Não é minha intenção “dar” ao senhor essa quantia: apenas eu a “empresto”.

Certamente, depois desta má situação em que se encontra o senhor poderá realizar algum negócio que o faça voltar à sua antiga e próspera situação e posição e lhe permita pagar suas dívidas. Nesse caso, procure então um homem de bem que se ache na situação em que agora se encontra o senhor e lhe empreste 10 luises. Com isso pagará a dívida que acaba de contrair comigo. A esse homem o senhor ordenará que realize, quando sua situação melhorar, uma operação semelhante. Dessa forma, os dez luises passarão por muitas mãos e beneficiarão muitos desgraçados e para mim será uma grande satisfação saber que essa pequena quantidade de dinheiro que lhe mando possa ser devidamente útil”.



### Digna recusa

Certa vez D. Bosco recebeu a visita de um cavaleiro de aspecto correto, cujas feições, porém eram pouco simpáticas. O visitante, depois de dar seu nome, explicou que queria fazer uma grande doação à obra salesiana. E citou uma cifra quase fantástica.

Um jovem sacerdote que se encontrava junto de D. Bosco já esperava deste uma exclamação de alegria e gratidão; no entanto, o venerável ancião recusou cortesmente a oferta, dizendo:

- Nossa obra, meu filho, de nada necessita. Todos os gastos estão cobertos e nos sobra dinheiro.

E em meio do assombro de seu companheiro, que sabia muito bem a situação difícil que atravessavam, despediu o cavaleiro.

Ao regressar, D. Bosco explicou ao jovem sacerdote:

- Meu filho, não estranhe minha negativa. A fortuna desse homem está acumulada com as lágrimas de muitos infelizes; se empregarmos esse dinheiro em alguma obra, esta não seria grata aos olhos de Deus. Ele providenciará e nos dará o necessário.

### Uma lição

Sócrates, o filósofo grego, tinha grande cuidado com sua cabeleira, que penteava com esmero, deixando-a cair em caracóis sobre seus ombros.

Um dia em que andava por um prado, sentiu-se cansado e deitou-se a dormir sobre a erva.

Uns dos meninos que brincavam não longe dali, decidiram fazer-lhe uma brincadeira e atando, um por um, os cachos de cabelo com um barbante, enrolaram este, depois, em um pedaço de pau enterrado no chão.

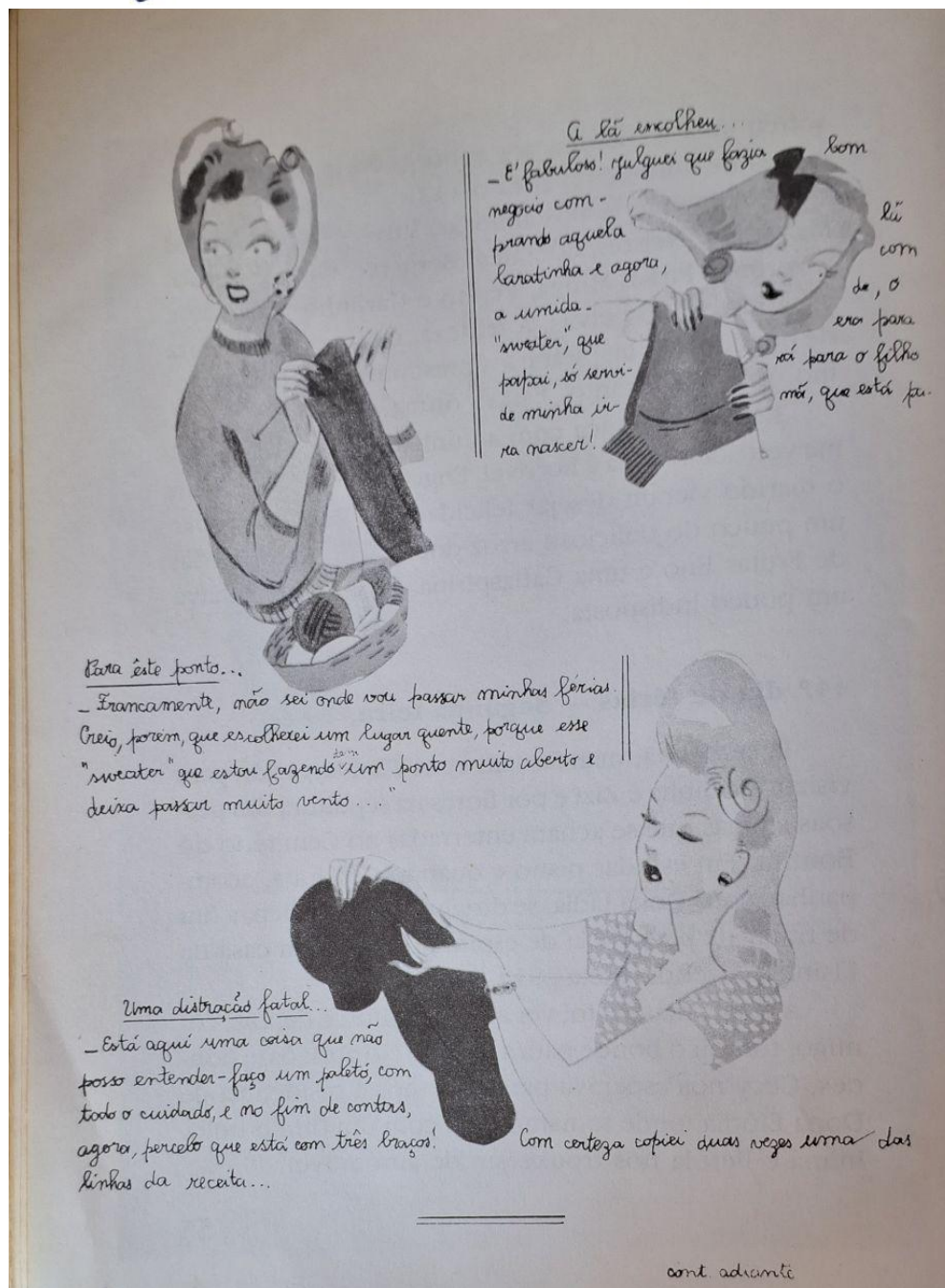
Ao despertar, Sócrates notou a riabruza feita pelos meninos e, longe de se zangar, apanhou uma pequena faca que levava consigo e foi cortando todos seus caracóis.

- Na verdade - disse a si próprio - estes meninos me deram uma boa lição, pois os melhores adornos não são os do corpo e sim, os da alma.

Fonte: Diário publicado,  
1985, arquivo da autora

Ou como no *tricot das garotas*, entre imagens, Maria Julieta cria situações engraçadas sobre materiais e a feitura de casacos.

### Figura 34: Tricot de Maria Julieta



Fonte: Diário publicado, 1985, arquivo da autora.

Há também esparramado pelo diário vários desenhos feitos pela amiga Maria Helena, imagens de filmes e de atrizes de cinema, vários figurinos de revistas, caricaturas, pinturas e fotografias de família. Tudo desordenado e que aparentemente não tem relação com o que escreve, a não ser na sua desimportância.

Figura 35: Desenho de uma amiga



Figura 36: Desenho de uma amiga



Figura 37: Cinema nas revistas

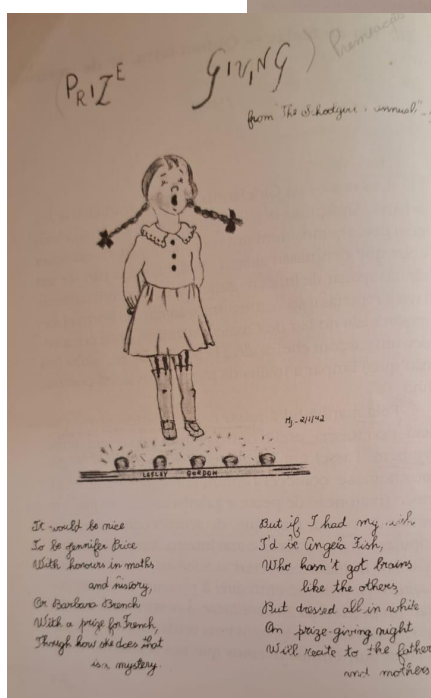
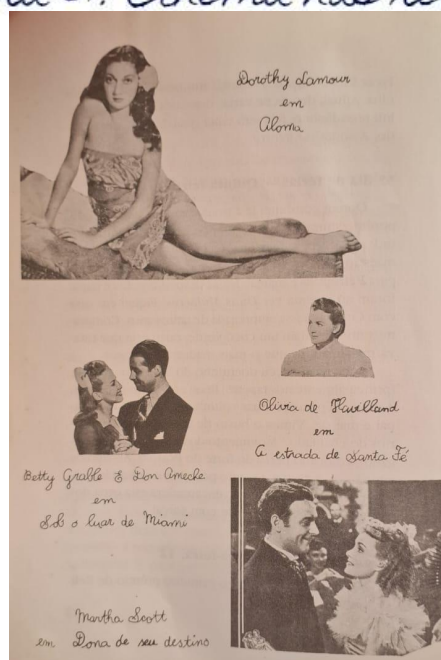


Figura 38: Imagem da capa do diário publicado, 1985

Fonte: Diário publicado, 1985, arquivo da autora.

A única coisa que ela não bagunça é o tempo. Ele é marcado pelo calendário e pelas horas do momento em que começa a escrever, o que assegura a continuidade e a contagem dos 92 dias de férias que, como ela escreve, “infelizmente não foram 100”<sup>98</sup>. Ela escreve todos os dias de suas férias, sem falta, um diário com dia e hora para começar e terminar. Ela se ocupa dele como escreve no seu 51º dia de férias:

“Este diário é a história de toda a minha vida, durante estas férias, portanto só escreverei aqui a verdade nua e crua. Talvez mamãe não fique muito contente ao ler isto, mas, no entanto, devo dizer que, para cumprir uma promessa que fiz (aliás acerca de parentes meus), fui à missa e comunguei. Ela e principalmente papai têm medo de que eu acabe virando beata. Paciência... Promessa é promessa”.

É como se ela se ocupasse de toda a história da sua vida nos bastidores, nas coxias, fora dos olhares do público e cada dia escrevesse alguma coisa para lembrá-lo, alguma verdade, que repercute como um *tricot* de garotas cheio de desimportâncias.

O curioso no diário de garotas é essa relação com o secreto de que elas se ocupam ao ocupá-lo. Mesmo escrevendo que o diário é toda a história de sua vida, como quem se ocupa das coisas secretas da vida, elas quase não falam de si. O que tem de secreto no diário de uma garota? Naturalmente, palavra empregada pela própria Maria Julieta, uma garota não escreveria seus pensamentos mais íntimos, mas escreve as bobagens e tolices dos seus pensamentos mais íntimos. Mesmo guardando-o a sete chaves,

27 de outubro de 1916 - “Encontrei a Bá e a Dina revistando a private drawer da minha desk. Fiquei furiosa, mas não disse nada. Por que não deixam as minhas coisas em paz? A Sia Bernardina trouxe-me uma rosa encarnada que a Dona Maneca (mulher do carpinteiro) me mandara como prova de simpatia, mesmo sem me conhecer! De tarde ajudei a mamãe a plantar um viveiro de várias verduras. Pegou-se um enxame de abelhas. Não li e fui para a cama muito cansada”.

elas se ocupam do secreto sem ocupá-lo. Como Cecília que ocupa-se das tarefas da casa, ocupando-se de outras coisas:

---

<sup>98</sup>Ibid. p. 114

25 de dezembro de 1916: “De noite pedi à mamãe que me deixasse um dia cozinhar. Ela me deu licença para fazer o almoço amanhã. Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa”.

Ou como Bernardina, que se ocupa dos movimentos da casa, que trama a vida, ocupando-se de suas costuras:

8 de agosto de 1989: “Como hoje choveu todo o dia, Adozinda só pode ir à casa de d. Joaquina de noite; foi com o sr. Carlos, que jantou aqui, e voltou com papai, que foi buscá-la. O sr. Carlos disse que as vacinas da Edith não pegaram. Trabalhei hoje num vestidinho que comecei ontem para Adozindinha”.



### *Por entre diários e novelas, leituras ocupam leituras.*

Vamos à leitura que faz o editor do diário de Maria Julieta ao compará-lo com a primeira novela escrita por ela, *A Busca*. Ela escreveu seu diário entre seus 13 para 14 anos e a novela aos 17 anos. A proximidade das idades entre os escritos pode ter sido um dos motivos da comparação do editor, porque a publicação entre um e outro guarda um intervalo de mais de 30 anos sendo, a novela, publicada primeiro, em 1946. Discorre o editor que o leitor mais afiado perceberá na escrita do diário a “angústia, apenas latente em certos episódios, mas, que é o próprio ambiente da narrativa *A Busca*”<sup>99</sup>. Não vou entrar no mérito da apreciação do editor. O que está em jogo em suas considerações, mesmo que movidas por um certo sentido comercial, inegável, é a ideia de repetição. O que repete? O que se repete entre o diário e a obra de literatura?

Blanchot<sup>100</sup> traça algumas linhas ao explorar o diário de escritores entre suas obras literárias. Para ele, contar “acontecimentos extraordinários” faz parte tanto da narrativa quanto do diário, porque o extraordinário também faz parte do ordinário. Contudo seu ponto de atração é a diferença, a narrativa se distingue do diário, segundo ele, “porque ela trata daquilo que não pode ser verificado, daquilo que não pode ser objeto de uma constatação ou de um relato. A narrativa é o lugar da imantação, que atrai a figura real para os pontos que ela deve se colocar,

<sup>99</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. 1985. op. cit., orelhas do livro.

<sup>100</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005. op. cit.

respondendo ao fascínio de sua sombra”<sup>101</sup>. A diferença entre um e o outro estaria então no lugar que um e outro ocupam, o qual até penso seja mesmo diferente. Entretanto o lugar enquanto espaço é ele próprio um *meio repetitivo* e entre um lugar e outro podemos supor que algo, além do extraordinário em um acontecimento, seja repetido.

A diferença entre o diário de Virginia Woolf e a narrativa *As ondas*, da autora, escreve Blanchot<sup>102</sup>, é que o seu diário “tagarela aparece aqui como uma proteção contra a loucura, contra o perigo da escrita. Lá, em *As ondas*, ruge o risco de uma obra em que é preciso desaparecer. Lá, no espaço da obra, tudo se perde e talvez a própria obra se perca. O diário é a âncora que raspa o fundo do cotidiano e se agarra às asperezas da vaidade”. Blanchot acaba por atribuir a proteção da escrita ao diário e os perigos à narrativa, contudo é o diário e não a narrativa, segundo ele mesmo, que está submetido a uma cláusula aparentemente leve, mais perigosa, deve-se respeitar o calendário. “O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante”<sup>103</sup>. O problema é que Blanchot coloca, no diário, do lado do demônio, o vigilante enquanto traça, também, como espaços da narrativa a paixão e a noite, reforçando a tensão entre os perigos - ameniza no diário e acentua na narrativa.

Já no romance *Adolfo* de Benjamin Constant, Blanchot encontra traços que se repetem entre a história de amor das personagens Adolfo e Eleonora e o romance, entre Madame de Staël e Constant. Segundo Blanchot, Madame de Staël não é *menos tempestuosa* que em seu diário e nem Benjamin Constant é *menos dilacerado* do que na sua narrativa. Contudo, em *Adolfo*, afirma Blanchot, “os sentimentos se orientam para o centro de gravidade que é seu lugar verdadeiro, que ocupam inteiramente, expulsando o movimento das horas, dissipando o mundo e, com o mundo, o poder de vivê-las”<sup>104</sup>. A diferença entre o diário e a narrativa estaria entre a gravidade de um e de outro.

A diferença tem sido a base para explicar o diário, num cotejamento, por exemplo, entre os manuscritos de um diário e o livro publicado, por Perpétua, busca-se o que se alterou ou modificou no texto e se desenha uma lista de supressões, acréscimos, alterações a ocupar um número significativo de páginas<sup>105</sup>. A repetição só aparece nos modos de se explicar o diário, sempre repetitivos, entre os espaços públicos e privados, entre quem escreve para si e quem

<sup>101</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005. op. cit. p. 271

<sup>102</sup> Ibid. p. 273

<sup>103</sup> Ibid. p. 270

<sup>104</sup> Ibid. p. 272

<sup>105</sup> PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000

escreve para publicar, entre o diário ordinário e o diário prestigiado, entre os manuscritos e o livro. Em qualquer caso, a diferença prevalece como ponto de atração.

Já o meu ponto de atração é a repetição. A repetição observada pelo editor do diário de Maria Julieta, que não foi transformada em diferença - a angústia é a mesma latente ou manifesta.

“Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente”. É essa singularidade não trocável, insubstituível, que me atrai na teoria de Deleuze<sup>106</sup>, como a me ocupar daquilo que o diário ocupa e o diarista se ocupa na escrita do diário.

Penso que a repetição é o que poderia nos dar outros meios para explorar o diário, essa coisa que todo mundo sabe o que é, como bem lembra Nora Catelli<sup>107</sup>, mas que ao escrever, ao habitar ou ler nos estranha, nos entranha, assim como a poesia de Manoel de Barros que sempre me pareceu coisa sem sentido, estranha, mas habitável, ou como a história do *Ovo e da galinha* de Clarice Lispector que entranha em suas inversões de sentido. O diário para mim é assim...

“Tomo o maior cuidado de não entendê-lo. Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro.”<sup>108</sup>

Para falar de repetição temos que falar antes de máscaras, porque “a repetição não está sob as máscaras, mas se forma de uma máscara a outra”<sup>109</sup>, assim, talvez, como nas palavras de Ruth Bueno<sup>110</sup>,

“Vida, vida minha, por que me cobres o rosto, mascarando-o? Cada dia me impões um aspecto diferente com as tuas máscaras. Não as escolho. Tu nem me consultas. Às vezes te esqueces de mudá-las, por muito tempo. Tanto tempo. E me magoas com a rotina que vem na máscara do tédio, tédio morando em mim.

Vida, vida minha, ouve a estória das tuas máscaras. Daquelas que tu me deste. Máscaras vestindo meu rosto. Estórias e histórias que eu escrevi.

Rio, Outubro de 1964.”

O que é a máscara quando não é aquilo que se escolhe? Ora, nisso Deleuze<sup>111</sup> é precioso: a máscara é o “verdadeiro sujeito da repetição. É porque a repetição difere por natureza da

<sup>106</sup> DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 11

<sup>107</sup> CATELLI, Nora. op. cit. 2007

<sup>108</sup> LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha. In A Legião Estrangeira. São Paulo, Ática, 1977, p. 81

<sup>109</sup> DELEUZE, Gilles. 1988, p. 25

<sup>110</sup> BUENO, R. Diário das Máscaras. 2. ed. Rio de Janeiro: Fontana, Brasília: INL-MEC, 1980, n.p.

<sup>111</sup> DELEUZE, Gilles. 1988, p. 25

representação que o repetido não pode ser representado, mas deve sempre ser significado, mascarado por aquilo que o significa, ele próprio mascarando aquilo que ele significa”.

É na diferença de Blanchot que encontro as máscaras do diário. As máscaras são a sinceridade e a verdade. A verdade que, segundo Blanchot, não pode faltar e a sinceridade que não se deve ultrapassar na escrita do diário, porque o conteúdo de um diário é o que se pode relatar, o que pode ser verificado ou ser objeto de constatação. Daí o interesse dos historiadores pelo diário como objeto de estudo, que os “qualifica e os ressignifica como fonte/documento”<sup>112</sup>.

Isso pode parecer um paradoxo, mas só quando as máscaras são vistas como disfarce, nesse sentido a verdade e a sinceridade seria mesmo aquilo que derruba as máscaras e não a máscara em si. Contudo em Deleuze<sup>113</sup> “as máscaras nada recobrem, salvo outras máscaras, é a repetição verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir e o que só se constitui ao se disfarçar”. A repetição só se disfarça e se constitui entre máscaras.

A sinceridade seria a máscara da história de toda a vida de Maria Julieta durante aquelas férias, quando escreve que só escreverá *a verdade nua e crua*, ou da fúria silenciosa de Cecília ao ver suas coisas sendo remexida, ações e modos que colocam todo um conteúdo suspenso, um algo a mais, que mesmo que não se escreva para entre quem escreve e seus possíveis leitores naquilo que se repete mascarado e mascarando.

Na estranha convicção, como afirma Blanchot<sup>114</sup>, “ligada ao diário de que podemos nos observar e nos conhecer”, questiono: que outro tipo de máscaras poderíamos encontrar no diário salvo a sinceridade e a verdade? Afinal, como articula Blanchot<sup>115</sup>, “ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário [sob a pena] de não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita”.

A sinceridade e a verdade só cabe como máscaras quando pensamos a escrita do diário entre repetições, a repetição como disfarce e a máscara como movimento entre os disfarces e sua constituição. Isso quer dizer que a sinceridade e a verdade são sujeitos da repetição que se disfarça e se constitui e não sujeitas de si mesmas.

---

<sup>112</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. 2007. op. cit. p. 46

<sup>113</sup> DELEUZE, Gilles. 1988, p. 25

<sup>114</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005 op. cit. p. 275

<sup>115</sup> Ibid. p. 270-271

Daí o que pode ter sido a confusão de prudência em Chartier<sup>116</sup>: “Tenho sempre uma certa prudência com questões pessoais. Acho que, quando a gente fala de si, constrói algo impossível de ser sincero, uma representação de si para os que vão ler ou para si mesmos”.

A prudência não precisa se justificar pela falta de sinceridade, e a escrita pela representação, nas vias das artimanhas da repetição, as coisas tocam diferente. A repetição exige, talvez, tanto mais prudência do que a ideia de representação. Não é usando as máscaras da sinceridade e da verdade que disfarçamos as imagens de nós mesmos? Não é a sinceridade que encobre coisas?

Aqui talvez resida os perigos da escrita que Blanchot<sup>117</sup> colocou “sob a proteção dos dias comuns, submetida à regularidade feliz que [se] comprometemos a não ameaçar, [tanto que, segundo ele] é preciso ser superficial para não faltar com a sinceridade, grande virtude que exige também a coragem”. Como se a superfície garantisse a sinceridade e a sinceridade nos protegesse de nós mesmos. Mas as máscaras não nos protegem além daquilo que se disfarça.

Veja bem: “Aquele que nada faz de sua vida escreve que não faz nada, e eis, apesar de tudo, algo feito”<sup>118</sup>. Essa dupla nulidade em Blanchot se traduz na repetição em Deleuze, a mesma coisa, o nada, é *disfarçante e disfarçada* no dia que se altera pela escrita - nada faz e eis algo feito, o nada disfarça o algo feito e é disfarçado por ele. É como lembra Blanchot<sup>119</sup>, a “‘meditação do zero sobre ele’ [de Amiel que], voltando-se para as catorze mil páginas em que sua vida se dissolveu, reconhece nelas o que o arruinou ‘artística e cientificamente’”. Aquilo que lhe protegeu durante anos se reverte em ruína. Essa seria em Blanchot a armadilha do diário em seus perigos.

Segundo o autor há uma tensão e uma gravidade no diário que, penso, se faça e se desfaça na repetição que, em Blanchot,<sup>120</sup> se produz em duplicidades como, por exemplo, o “duplo malogro - não se viveu nem se escreveu” - a escrita disfarça a vida e é disfarçada por ela na tensão de se escrever para se lembrar. Nada mais superficial do que restar “senão algumas frases apressadas e insuficientes, que dão”, de uma vida passada apenas um *reflexo ilusório*... Penso que não. Ocorre-me aqui que o diário pode se fazer tão superficial quanto se faça profundo e tão profundo quanto se faça superficial.

---

<sup>116</sup> Citado por: CUNHA, Maria Teresa Santos. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v3.n1/maria\\_teresa.pdf](http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf)> Acesso: abr. 2009, p. 47

<sup>117</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005 op. cit. p. 270-271

<sup>118</sup> Ibid. p. 274

<sup>119</sup> Ibid. p.274

<sup>120</sup> Ibid. p.275

Talvez o problema só resida na palavra, como conjectura Tournier<sup>121</sup> em *Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico*: “Estranha prevenção essa que valoriza cegamente a profundidade à custa da superfície e que faz com que ‘superficial’ signifique não de ‘vasta dimensão’, mas, sim, de ‘pouca profundidade’, enquanto ‘profundo’ significa, pelo contrário, de ‘grande profundidade’ e não de ‘fraca superfície’”.

Contudo Deleuze<sup>122</sup> aponta para outras linhas fuga - “eis que agora tudo sobe à superfície [...] sendo tudo tanto mais profundo quanto mais isso se passe na superfície”. - que nos permitem ocupar o diário como uma escrita de superfície, superficial, mas de vasta dimensão.

Para falar do profundo no diário, algo que parece tão próprio da narrativa, temos que chegar ao secreto. O secreto é da profundidade, e não pretendo tirá-lo daí sob o risco de perdê-lo.

A ideia do diário como “confidentes fiéis e companheiros das horas de intimidade” trazida por Maria Teresa Cunha<sup>123</sup> ou mesmo do “diário [como] uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas, ocupam um grande lugar” expressa por Beatrice Didier<sup>124</sup> ocupam-se do secreto, desse espaço que é o diário, onde se é possível estar “emocionalmente nu e formalmente decomposto”.

Está aí a proximidade entre o diário e a literatura. O diário é o espaço do secreto, como espaço de alguma coisa. Blanchot bem sabia disso quando se questionou sobre a possibilidade do escritor manter um diário da obra que está escrevendo, como a buscar o secreto da criação na escrita do diário. “Isso é possível?... [Um diário assim] de bordo, no qual, dia após dia, inscrever-se-iam as felicidades e os erros da navegação... [Para ele tal livro não existe porque] se estabelece uma relação insólita entre o homem que podemos encontrar no dia-a-dia e que, precisamente, escreve o diário de si mesmo, e aquele ser que vemos alçar-se por detrás de cada grande obra, para escrevê-la”<sup>125</sup>.

Assim como entre a garota que escreve seu diário de férias e a menina que escreve *A Busca*. Em 1980, na primeira reedição da obra, Maria Julieta<sup>126</sup> explica *A Busca*, ainda como se fosse outra pessoa a que escreveu e não ela. É o que se pode acompanhar no trecho do Prefácio que segue

<sup>121</sup> TOURNIER, MICHEL. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. (tr. br. Fernanda Botelho. 2ª ed., R.J.: Ed. Bertrand Brasil, 1991, p. 60-61.)

<sup>122</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974, p.8

<sup>123</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. 2007. op. cit. p. 48

<sup>124</sup> Citado por: CUNHA, Maria Teresa Santos. 2007, p. 48

<sup>125</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005 op. cit. p.276

<sup>126</sup> ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. *A busca*. Rio de Janeiro: Record, 1988, n.p.

*A Busca foi escrita por uma menina de dezessete anos, numa época em que os jovens nada sabiam de tóxicos, de subversão, de liberdade sexual. Desconhecendo a televisão, ouviam rádio, colecionavam fotografias de artistas e Garotas do Alceu recortadas das revistas, andavam de bicicleta, assistiam em lágrimas aos happy-ends dos filmes americanos e dançavam ao som de foxes lentos, sob o implacável controle materno. Mas nesse ambiente de rigor e sossego viver não era simples e a inquietação e as dúvidas existenciais dilaceraram os seres sensíveis. Só na superfície a vida corria com placidez, pois o fundo do poço era povoado de fantasmas, insegurança, tumulto.*

*Quando começou o livrinho, a menina-moça não tinha noção do que estava fazendo. Um ímpeto quase incontrolável a levou de repente a passar para o papel algumas frases que a perseguiram e que seriam o começo do seu aflito desabafo. A partir de então e durante três semanas, escreveu de maneira obstinada, no meio das aulas do Curso Clássico, nos recreios, à noite, insone. As personagens se insinuaram, criavam corpo, moviam-se, e ela se limitava a copiar o que lhe era confusamente ditado por essas criaturas independentes. Certo dia, tendo que ir a um acampamento de Bandeirantes (acampava-se muito, nesse tempo), decidiu que já era hora de terminar com aquela compulsão - e foi esse, praticamente, seu único ato de participação consciente na feitura da novela. Com a mesma urgência dolorosa com que redigira o resto, escreveu as últimas linhas e entregou o rascunho à mãe, que era boa datilógrafa. Só quando voltou do acampamento pôde reler os originais e comprovar que o que acabara de compor formava uma espécie de todo.*

O que Blanchot buscava não era nada ingênuo, essa criação no espaço do secreto do diário, entre o *Kafka que vive* e o *Kafka que escreve*, (e eu) entre a garota que vive e a garota que escreve, talvez como único espaço possível de manifestação da arte de escrever. Segundo Blanchot<sup>127</sup> o *Diário íntimo de Kafka* é ao mesmo tempo o *pressentimento* do que poderia ser o diário da experiência criativa e a “prova de que esse diário seria tão fechado, e ainda mais separada do que a obra realizada, porque os arredores de um segredo são mais secretos que ele mesmo”.

Por que?

Porque a repetição é o modo do diarista ocupar-se do secreto do diário, sem ocupá-lo, entre máscaras, de uma máscara a outra. Ocorre-me uma inversão: no diário ocupamos o secreto

---

<sup>127</sup> BLANCHOT, Maurice. 2005 op. cit. p. 277

sem ocupá-lo, na narrativa sem ocupá-lo - ocupado-se do público - ocupa-se do secreto. É o secreto do diário que repete todas as narrativas.

Escrever um diário é ocupar-se do secreto de si mesmo, sem ocupá-lo. Por isso que o diário é “un saco donde cabe todo”, como o resumiu, Laura Feixas<sup>128</sup>, ou uma forma aberta de escrita, como afirma Beatrice Didier<sup>129</sup>, como modos de ocupar-se de si sem se ocupar de si mesmo, como os vestidos de Maria Julieta, as costuras de Bernardina e a culinária de Cecília.

Assim como na mistura de corpos descrita por Deleuze<sup>130</sup>: “um corpo penetra outro e coexiste com ele em todas as suas partes como a gota de vinho no mar ou o fogo no ferro. Um corpo se retira de outro, como o líquido de um vaso”. Que habitam um mesmo espaço, dissolvem-se e se retiram parecendo não ter tido contato, deixando vestígios? Apenas a escrita. Essa é a trama do diário, uma trama de superfície de vasta dimensão.

Ler o diário dessas garotas é ocupar-se do comum, dos modos como ela se arruma e arruma as coisas na escrita é como escreve Artière<sup>131</sup> “perseguir e desentocar esse infra-ordinário, dar-lhe sentido” e talvez penetrar no íntimo de suas desimportância.

A aventura de escrever o diário é a aventura de “Alice no país das maravilhas, de ascender à superfície, desmistificar a falsa profundidade e descobrir que tudo se passa na fronteira”<sup>132</sup> do secreto, esse lugar do diário, habitável naquilo que se disfarça e é disfarçado.



***Cecília fora educada assim como uma*** *mocinha de boas maneiras*, vigiada pelo olhar materno sempre a corrigir posturas e comportamentos atenta ao que era permitido e adequado a uma garota. Até em coisas simples como velar a chegada do pai pela madrugada era preciso obter a licença da mãe.

3 de novembro de 1916 - [...] “De noite, obtivemos licença para velar até a chegada do Papai, às 2 horas. Afinal chegou o trem e nele dr. Osório, Papai e Boy”.

<sup>128</sup> FREIXAS, L. Auge del diario ¿íntimo en España?. Revista de Occidente, Madrid, n. 182-183, 1996. p.12

<sup>129</sup> DIDIER, Beatrice. El diario ¿forma abierta?. Revista de Occidente, Madrid, n. 182-183, p. 39-46, 1996.

<sup>130</sup> DELEUZE, Gilles, 1974, op. cit. p.6

<sup>131</sup> ARTIÈRE, Philippe. 1998, op. cit. p.10

<sup>132</sup> DELEUZE, Gilles, 1974, op. cit. p.15

É sob o olhar dessa vigília que se passa a vida de uma garota, entre o permitido, o adequado e as *margens*. É nos pequenos pedidos à mãe que a trama do diário, entre desimportâncias, se passa nas margens, cria desvios na narrativa e resiste a interpretações. Mais do que a presença do pai é na relação velada com a mãe que Cecília mais confabula.

Enquanto pedir algo ao pai exigia dela um cálculo quase exato de aprovação

17 de janeiro de 1926 - “Fomos à Estância Nova. Não costumo pedir nada ao Papai sem saber de antemão que há 99 por cento de probabilidades dele dizer sim. E por isso agarrei a minha coragem com as duas mãos e fui pedir-lhe que me deixasse voltar para casa a cavalo, com o Joaquim e o Salvaterra. Também lhe pedi que me deixasse montar na Uruguaia, se o Salvaterra desse licença. Foi grande meu contentamento quando consegui tudo isso, sem nenhuma dificuldade”.

Pedir qualquer coisa à mãe persistia entre as margens, entre o sim e o não, o talvez. Esse espaço tão feminino de ação e de escrita - o espaço das margens. Uma mulher escreve um diário entre o pecado e a virgindade. Não há margem de dúvida no que ela pede ao pai, o que conta é que certas coisas são reservadas ao homem, mas há margens de dúvida no que ela pede à mãe, mesmo que seja estreita.

Quando Cecília seleciona alguns livros na biblioteca paterna e escolhe Esaú e Jacó de Machado de Assis para ler, livro proibido para uma mocinha de boas maneiras, ela margeia as intenções da mãe, entre o sim e o não, o talvez só podia ser feminino. Isso porque, como afirma Deleuze a repetição é, sob todos os aspectos, a transgressão e a mulher é mais repetitiva que o homem, ela ocupa a casa e se ocupa dela quase todo o tempo, a casa, pensada como um meio de repetição, ensaia o teatro de Perrot. Para a pesquisadora,<sup>133</sup> a casa é o palco e a mulher a cronista de um lugar de felicidade imóvel. No teatro da repetição, segundo Deleuze<sup>134</sup>, “*experimentamos uma linguagem que fala antes das palavras, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes dos personagens*. É nessa linguagem nesse espaço, que o talvez fica entre o secreto feminino e o lugar que a mulher ocupa na família e na sociedade.

21 de maio de 1918 [...] “Estive na biblioteca, escolhendo alguns livros para ler, a começar pelo Missionary Travels, de Livingstone. Também retirei Esaú e Jacó, de Machado de Assis, mas quando fui pedir licença à mamãe para lê-lo, não me foi concedida”.

Segundo Bastos, Cecília tinha livre acesso à biblioteca do pai, às vezes ela passava horas ali estudando, sendo assim poderia tranquilamente ler a obra às escondidas, se já não o tivesse

<sup>133</sup> PERROT, Michelle, 1989, op. cit.

<sup>134</sup> DELEUZE, Gilles. 1988, op. Cit. p. 19

feito antes ou o fosse fazer agora, então porque ela pede à mãe? Ora, ela parece espreitar as margens da mãe, esse espaço feminino de ação. Teria a mãe lido Esaú e Jacó? O que a mãe sabia sobre a obra? O que a mãe lhe diria entre olhares, gestos e palavras? E o que o pedido em si comunica à mãe? Talvez, isso tudo fosse até mais intrigante do que a obra em si.

Temos que lembrar que quando se trata de normas e regras sociais, na visibilidade dos espaços públicos, não há margens de possibilidades para a mulher, há espaço de luta. Já no espaço privado, há mais margens e menos luta. É claro que Esaú e Jacó não era adequado a uma *mocinha de boas maneiras*, talvez ainda não seja, assim como montar a cavalo enganchada não era apropriado naquela época.

2 de janeiro de 1917 - Pela primeira vez na minha vida andei a cavalo enganchada. Gostei mais do que da outra posição. Pena a Mamãe não gostar que eu monte assim”.

Mas é na margem que Cecília cavalga enganchada, mesmo que fosse apenas uma vez, e que pode vir a ler Machado de Assis, caso queira escondido, tudo se passa nessa linguagem antes das palavras, em gestos, que a escrita resiste.

Uma garota vai se educando entre as margens. A mãe regula as atividades, controla, é ela, por exemplo, quem toma o cuidado para que Cecília e as irmãs estivessem todas vestidas de branco durante a visita do padrinho de Cecília - “Vesti-me toda de branco, com as manas, para esperar o meu Padrinho” - 12 de novembro de 1916. Mas é ela, a mãe, também que permite às filhas irem à estação de trem receber o tio Diogo de gorros vermelhos em vez de vestirem o *canotier de luto*, que era a princípio sua primeira escolha. O que para Cecília significou uma vitória.

30 de novembro de 1916 - “De noite falou-se todo tempo na ida ao Desvio. Conseguimos que Mamãe nos deixasse ir de gorros vermelhos. Que vitória! também iremos todas de faca. Meu terror era ter de ir com aquele enorme canotier de luto”.

Qual seria a diferença entre Cecília e as irmãs irem à estação de trem recepcionar o tio de *canotier* de luto ou de gorros vermelhos, que não fosse apenas o terror dela em usar tal vestimenta? Seria uma roupa mais adequada que a outra, mas não menos conveniente e por isso a mãe cede? Como perscrutar os contornos dessa vitória? Entre tantas conversas, que provavelmente envolveram outros preparativos, a roupa, que é a vitória de Cecília, não seria para ela de menor importância. Por outro lado, para uma garota agarrada a vida no campo, que passa horas admirando *os lindos touros Devon* - 24 de outubro de 1916 -, e não se seduz em conhecer e viver em cidades como São Paulo e Paris, a vestimenta, não seria também de grande importância. Talvez o “enorme” canotier de luto fosse só incomodo mesmo.

É nesse enredo de desimportâncias que a escrita resiste a interpretações. Parece que estamos o tempo todo falando de bobagens e tolices, mas são delas que Cecília se ocupa e ao se ocupar se mostra naquilo que há de mais feminino e de garota seu diário - a roupa, mas a roupa enquanto conquista que codifica atitudes e constrói um cenário de aventura na escrita. É nessas brechas que Cecília se mostra como protagonista.

7 de dezembro de 1916 - “Fui com Quinquim visitar as abelhas na Floresta. Depois apanhamos uma enorme bruxa que estava pousada na pocilga. Uma beleza! Na volta encontramos todo o povo no sétimo céu de alegria. Acabavam de receber telegrama do tio Diogo avisando sua chegada. Mas tivemos tempo de nos vestir e arrumar os quartos. Numa gritaria, fomos todos para a Estação, chegando rente com o trem. Invadimos a Estação e o trem. De gorro encarnado, blusa branca, rosa vermelha, saia zebruna e faca na cintura”.

Essas são as vitórias das desimportâncias em uma linguagem secreta, quase despercebida, que cria espaços margeados sutis, delicados e de resistência. A Cecília de gorros encarnados é a Cecília que lia Machado de Assis e que se não fosse o fato da mãe não gostar, montaria enganchada. Isso me lembra a revolução de que fala Lygia Fagundes Telles<sup>135</sup> “uma revolução sem imitar a linha machista na ansiosa vontade de afirmação e de poder”. A revolução das desimportâncias. A revolução que Cecília faz na cozinha da casa e trama na escrita do diário.

25 de dezembro de 1916 - “De noite pedi à mamãe que me deixasse um dia cozinhar. Ela me deu licença para fazer o almoço amanhã. Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa. Serviço é que não falta”.

A idade era propícia para um casamento. A oferta do dote era importante. Mas ela não quer o dote e por não querê-lo imagino que também não querereria o casamento. E esse é o ponto, o que queria Cecília ao insistir com a mãe para assumir a cozinha? Se não é o dote, o que era então? Mostrar que servia para alguma coisa vindo de uma garota que circulava entre todas as atividades da fazenda e da casa participando e trabalhando, também não deveria ser o motivo? O que Cecília margeia quando pede à mãe para cozinhar e quando se dispõe a ocupar o espaço ao qual o pai oferece um dote?

No dia seguinte ela registra no diário - “Enquanto a Adelaide foi à Estação despedir-se da filha, fiquei de dona da cozinha. O Raimundo era o oráculo a quem de vez em quando eu

---

<sup>135</sup> TELLES, Ligia Fagundes. 1997.op. cit. p. 670

consultava. Para encurtar, só direi que fiz esplêndido guizado com cenouras entreveradas, um arroz muito alvo e seco e feijão”.

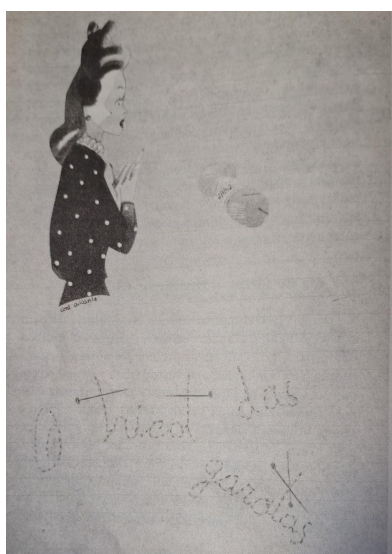
Pelo registro de Cecília parece que estava muito bem preparada para assumir a cozinha. Há quanto tempo ela não vinha tramando isso? Porque ela persiste com os pedidos à mãe para assumir a cozinha. Em janeiro de 1918 ela registra no diário:

“A Adelaide foi com Avelino visitar o pai. Afinal Mamãe concedeu-me o que lhe peço há muito tempo: ficar no lugar de Adelaide. Infelizmente o dia estava cruel, a cozinha quentíssima e não tardei a ficar com dor de cabeça, que naturalmente não acusei para não me chamarem de ‘flaca’. Meu pé mordido de cobra aproveitou para inchar de tal modo que eu nem podia abotoar o sapato. O menu foi muito simples: guisado de charque com arroz, feijão, canjica de milho. Um almoço bem gaúcho”.

Não há registros no livro do período que vai de junho de 1918 até janeiro de 1923, segundo Reverbél esses cadernos foram perdidos. Por isso não conseguimos acompanhar essa trama na cozinha. A insistência em pedir à mãe repetidas vezes para atuar na cozinha, segue por mais de 1 ano, fazendo daquele espaço um lugar de luta e de resistência. Sabemos que Cecília morreu acidentalmente com 34 anos e solteira. A cozinha não se reverteu no casamento que, ao que parece, ela mesma não queria.



Figura 39: O tricot das garotas



O diário de Maria Julieta é como um *tricot de garotas*, segue a receita de tudo o que envolve a educação de uma mocinha de boas maneiras, mas tudo entre as suas literais cotações: os estudos do piano doméstico em que as garotas se preparavam para não se tornarem pianistas célebre; os filmes norte americanos ditando a moda e os modos de se viver, alguns que ela classifica como abacaxi, cansativos e outros interessantes, bons e engraçados; os livros indicados pelas amigas que ficam entre a *mesma lengalenga inverossímil de*

Fonte: Diário publicado,  
1985, arquivo da autora

*sempre*, o *bom* ou *pouco banal*; e os indicado pelo pai, que costumam ter cotações melhores como bom ou extraordinário, mas podem se tornar infundáveis como *David Copperfield*; as revistas que ditam as modas e os costumes da época.

Em meio a tudo isso há os *vestidos de Maria Julieta*, que tem a ver com a moda dos filmes e das revistas, mas principalmente com o jeito que uma *mocinha de boas maneiras* deveria se vestir. É a mãe quem compra os tecidos, escolhe modelos e decide qual é o melhor vestido para certas ocasiões importantes. Como vemos na escolha do vestido de Ano Bom que será usado na primeira missa do ano.

22 de dezembro de 1941 – “Mamãe não gostou do vestido que me fez para o Ano-Bom e está com vontade de comprar outro, na loja do Seu Monteiro”.

26 de dezembro de 1941 – “De manhã, fui com mamãe à casa de Dona Carmelita, costureira, levar os dois cortes de seda, e a à Loja Madame amorim comprar um vestido cor-de-rosa para eu usar no Ano-Novo, porque o que ela fizera não lhe agradou (mas me agradou muito)”.

Enquanto a mãe decide sobre qual vestido ela deve usar, Maria Julieta fabula, entre parênteses, o gosto pelo vestido não aprovado pela mãe. No uso dos parênteses ela abre margens entre ela e a mãe, porque é na escrita do diário que ela encontra espaço para falar sobre o que gosta, mesmo sabendo que a mãe depois leria o seu diário. Mas isso seria só depois que o vestido já tivesse sido comprado, depois que ela já o tivesse usado e tempo depois da missa. É assim, que ela vai tramando na escrita do diário entre o que ela descreve como a sua *verdade nua e crua* de toda a história daquelas férias e um algo mais.

Uma *mocinha de boas maneiras*, disciplinada pela mãe e pela moda, “que codifica suas aparências, roupas e atitudes”<sup>136</sup>, inscrevem as circunstâncias de sua vida nos vestidos que usa, os vestidos de uma garota não são só vestidos. É nas cores, nos modelos, nos tecidos, na prova que as garotas fabulam o que parece ser um universo de desimportâncias.

Entre eventos e acontecimentos Maria Julieta descreve seus vestidos, sua *segunda pele, a única*, segundo Perrot<sup>137</sup>, da qual se ousa falar. É assim, que quando Maria Julieta fala de seus vestidos, ela fala de si. Os seus vestidos são o que há dela no diário. O vestido que estreou na festa na casa de Maria Helena era de *fustão branco e azul*. O vestido da 1ª missa do ano de 1942, que a mãe mandou fazer, ficou pronto no dia 31 de dezembro de 1941: “Meu vestido de Ano-Bom ficou pronto; sob a saia há uma armação de organdi com renda na ponta; Pela manhã fui à missa com o vestido novo. Ontem, no cinema, usei o outro vestido rosa e azul, novo também”; Na viagem para Belo Horizonte o vestido novo é um vestido reformado:

<sup>136</sup> PERROT, Michele. 1989, p.10

<sup>137</sup> Ibid.

“Viajei ontem com um vestido novo: blusa branca e saia estampada, reformada de uma antiga” - 4 de janeiro de 1942. O vestido de presente de seus 14 anos, comprado enquanto ela estava de férias em Belo Horizonte era “novo, tipo saia e blusa” - 04 de março de 1942. É assim que Maria Julieta vai nos enredando em seus figurinos.

O vestuário, explica Perrot<sup>138</sup> pertence à esfera pública, e está ligado a essas “aparências que cabe às mulheres [...] preservar” e que a garota aprende com mãe. É na escolha e na prova dos vestidos, que a mãe educa a filha nos modos de se vestir, no que é adequado ou não. O cenário mais intrigante do diário de uma garota é o ateliê de costura que é também o mais secreto, porque não se sabe o que se passa ali. Maria Julieta não diz o que a mãe não gostou no seu primeiro vestido do Ano bom. Quando acompanha as suas primas, Glorinha e Elsinha, à casa de Dona Laura, para provarem vestidos novos, ela não conta nada do que se passa ali.

Mesmo que ouse falar dos vestidos, mostrá-los a outras garotas, muito disso ainda fica no secreto. Quando Maria Julieta mostra seus vestidos a Tita, ela está a mostrar seus vestidos à garota que sua mãe, depois de uma visita curta a sua avó, acha muito assanhada e lhe proíbe de sair com ela. Isso dá uma ideia do quanto uma garota confabula com os seus vestidos.

Há muitas histórias guardadas no guarda roupa de uma garota. Como tinha muitas histórias guardadas nas gavetas e nos armários da avó de Maria Julieta, que dentro do cenário familiar despertam a curiosidade das garotas da família. Na tarde do dia 16 de fevereiro de 1942, ela e sua prima Elsinha bisbilhotaram, às escondidas, os móveis do quarto de sua avó aproveitando a ida dela à igreja:

“Mais tarde, quando vovó estava na igreja, Elsinha e eu abrimos escondidas as gavetas e armários dela e encontramos preciosidades apreciáveis, ocultas: lenços de seda, peitinhos de renda, xales finíssimos, véus bordados, sabonetes estrangeiros, bolsas de pelica e milhares de coisinhas lindas, presentes que nunca foram sequer usados”.

Como define Perrot<sup>139</sup>, “o armário de roupa é ao mesmo tempo o cofre e o relicário[...] é ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória”. Não é à toa a travessura dessas garotas, em cada objeto guardado pela avó de Maria Julieta havia uma história secreta. Ali provavelmente se encontravam objetos povoados de gestos de intimidade. Parafraseando Perrot, povoado daquela intimidade muda - talvez proibida - das coisas permitidas.

---

<sup>138</sup> *ibid.* p. 10

<sup>139</sup> *ibid.* p. 13-14



Há duas atividades regulares na vida de Bernardina: a escrita do diário e a costura. Do mesmo modo que Bernardina escreve todos os dias sem falta, ela costura praticamente todos os dias. A costura parece ser, entre as poucas atividades que registra, a preferida, porque quando sua professora não vem ela se ocupa de suas costuras:

20 de agosto de 1889 - “Alvina hoje não veio, por isso adiantei muito um corpinho que estou consertando”.

*Figura 40: Um pequeno quarto de costura*



*Entre linhas  
e tecidos...*

*... muitas  
histórias*

*Fonte: arquivo da autora*

Ela até busca o que costurar, como quando se oferece para fazer os aventalzinhos dos sobrinhos, que a irmã tinha deixado a mãe incumbida de arranjar alguém para fazer:

26 de agosto de 1889 - “Comecei a fazer um aventalzinho preto do Adozindo; Adozinda deu à mamãe, para ela ver se arranjava quem fizesse, fazenda para dois aventais; como a costura é simples, eu incumbi-me de fazê-lo”.

Nessa época a costura fazia parte das atividades femininas e até da rotina de uma família. O que Bernardina costura são coisas simples, como ela mesma disse, envolve o feitiço de fronhas, aventais, camisolas, corpinhos e até o alinhar de calcinhas de criança. Provavelmente ela aprendeu a costurar com a mãe. Mas, o curioso é que de todas as mulheres da família, ela estava mais envolvida com a atividade, até ao ponto de sua irmã Aldina ir buscar com ela algo para costurar:

18 de setembro de 1889: “Comecei hoje a fazer a camisola que cortei ontem. Aldina perguntou-me se eu [não] tinha nada para ela fazer, e como eu não soubesse o que dar, ela pediu-me a lã cor de creme que mandei comprar para fazer sapatinho e disse que ela começaria”.

É aqui que, entre suas costuras, Bernardina começa a aparecer, é ela quem escolhe o material e manda comprar, como quem se posiciona sobre o que quer. Não é a mãe que lhe diz o que costurar, é ela quem decide. A garota que não fala nada de si, fala de si, falando de suas costuras. E todo esse posicionamento talvez tenha a ver com o fato da mãe de Bernardina dar a ela e a sua irmã Alcida um dinheiro por mês:

12 de setembro de 1889 - “Mamãe deu a mim e à Alcida o dinheiro que costuma dar por mês e quis, por força, que eu aceitasse os 2\$ que dei à Isabel, quando estive cá por estar mamãe embarçada quando ela despediu-se”.

O quanto desse dinheiro ela usava para suas costuras? Ela fazia outros usos desse dinheiro? Porque ao que parece não gastava tudo de uma vez, pois tinha na ocasião dinheiro consigo para dar a Isabel. Sabendo que a família de Benjamin passava por dificuldades financeiras, por que a mãe dá dinheiro às filhas? O que a mãe trama? Uma garota, nessa época, tem no máximo um dote, dinheiro que ela nem vê.

O que eu estou tentando costurar são os espaços de uma garota. É o que Bernardina costura em seu diário: os espaços de uma garota nas margens, à margem. Num diário que não sobra uma linha em branco, o espaço dela é suas costuras. A quem vai interessar o que ela costura?

A questão é que conseguimos acompanhar passo a passo o vestidinho que ela costura para sua sobrinha. Ela começa a costurar o vestido no dia 7 de agosto, mas o registro aparece só no dia 8 de agosto - “Trabalhei hoje num vestidinho que comecei ontem para Adozindinha - 9 de agosto - Trabalhei hoje no vestido da Adozindinha” - 10 de agosto - “Trabalhei no vestido da Adozindinha; tia Olímpia deu-me uma peça de trancelim preto para enfeitá-lo” - 11 de agosto - [sem registro sobre a costura] - 12 de agosto - “Trabalhei hoje no vestidinho” - 13 de agosto

- “Trabalhei na escova do sr. Fialho e no vestidinho” - 14 de agosto - “Eu acabei hoje o vestidinho da Adozindinha”.

Ela gasta uma semana de trabalho para costurar o vestidinho. Do vestidinho pouco se sabe, da entrega? menos ainda, ela não registra comentários sobre o que costura, nem expectativas. É assim com todas as outras costuras, acompanhei passo a passo as notas de suas costuras. É uma costura que resiste a interpretações.



***O que me incomoda? O que me inquieta?*** Essa era a questão posta pela professora Márcia Pechula para se pensar a Pesquisa, na disciplina de Pesquisa em Educação. Foi a primeira disciplina que cursei como aluna do doutorado. Naquela época me incomodava andar de um lugar para o outro com uma caixa cheia de diários e livros e artigos sobre diários, meu conflito era que uma parte da caixa tentava explicar muito bem a outra parte, dos diários, que não aceitavam explicação. Eu não aceitava...

*Diário é coisa de garota!*

quem já não ouviu essa frase. Mesmo que haja uma lista vasta de homens e mulheres, famosos ou desconhecidos, que escreveram e escrevem diários, usa-se presentear uma garota com um diário e não um garoto. Eu ganhei um diário quando garota, minha filha já em tenra idade ganhou um diário (Não foi presente meu), sua amiguinha também. Do mesmo modo que, no imaginário popular se propaga a ideia de que diário é coisa de garota, se propaga também, que a garota faz confidências ao seu melhor amigo.

Maria Teresa Cunha<sup>140</sup> em um de seus primeiros artigos sobre diário de garotas trouxe dados de uma ampla reportagem publicada no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 1998, sobre o hábito comum entre garotas de 11 a 15 anos de idade de escrever suas memórias.

“O título de capa era ‘Diário de Meninas’, e os subtítulos eram ‘Amigo do Peito’, Diários, atas de (meia)vida’, e ‘Recado às confidentes’. Sob esse último era possível ler: ‘Rever um diário é como reencontrar um amigo. Guardem seus diários, gurias! Nenhuma confissão em

---

<sup>140</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. 2000, op. cit. p. 161

página rabisca é tão boa quanto o momento em que a redescobrimos lá pelos 20 e tantos anos - essa idade em que até dá para pensar que a gente já cresceu”

Mas por que diário é coisa de garota?

Isso tem a ver com educação. De uma perspectiva histórica, segundo Lejeune<sup>141</sup>,

“As garotas são ensinadas a manter um diário, os garotos não. É parte do sistema disciplinar para tomá-las boas esposas, boas cristãs e boas mães. O diário é uma das técnicas usadas para fazê-las colaborar com sua própria disciplina. Garotos não necessitam tomar-se tão bons cristãos ou tão bons pais [...] As mulheres eram responsáveis pela esfera privada, e mantinham um diário para se prepararem para ela”

Pode-se discutir o quanto isso hoje está presente, ou não, na nossa sociedade. Mas a questão é que o ato de escrever contradiz toda educação disciplinar, seja no âmago de uma educação religiosa ou laica, não se disciplina ninguém ensinando-o a escrever (disciplina-se ensinando-o a não pensar, ou pensar de um mesmo modo), porque a escrita é como bem escreve Chartier<sup>142</sup> a “procura [d]a possibilidade de liberdade ao ser utilizada para comunicação, intercâmbio, possibilidade de escapar da ordem patriarcal, matrimonial ou familiar” .

Não se pode perder isso de vista.

Outra questão é que a imagem da garota que escreve o diário de *pernas pro ar* e da bagunça de Maria Julieta com a ajuda de Deus, contradizem também esse espaço disciplinar, de controle e ao mesmo tempo de confidências. Porque não há espaço para disciplina e controle na escrita do diário. Posso até me confidenciar, sim. Mas o diário não se resume às confidências, mas sim às suas desimportâncias.

O diário é o espaço do secreto, não da confidência, a confidência pode até fazer parte do secreto, mas não é o secreto. A garota não faz confidências, ela ocupa o secreto, esse espaço clandestino de si mesma, com um monte de desimportâncias, como se houvesse o menor interesse em falar de si. Aqui mora minha tese.

---

<sup>141</sup> LEJEUNE, Philippe, 1997, op. cit. p. 106

<sup>142</sup>CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 24

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALONSO, Angela. Nabuco na intimidade. Diários de Joaquim de Nabuco. *Novos Estudos* no. 74. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento: Brasil. Mar. 2006. p. 201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Tgf6GBdFtHgZKqjWGSwn3TM/?lang=pt> acesso em: ago. 2022
- ANDRADE, Carlos Drummond de. O observador no escritório. São Paulo : Companhia das Letras, 2020
- ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. *A busca*. Rio de Janeiro: Record, 1988
- ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061/1200>. acesso em: set. 2023
- BASTOS, Maria Helena Camara. *O diário de Cecília de Assis Brasil (1916 -1928) – práticas de leitura de uma moça gaúcha*. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000
- BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005,
- BRITO, Ingrid Zacarelli. *Cadernos íntimos diários publicados: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90123>
- CAMINHA, Edmilson. Palestra 90 anos de Maria Julieta Drummond de Andrade. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZTREp9fG7E> acesso em: ago. 2022
- CATELLI, Nora. En la era de la intimidad: seguido de el espacio autobiográfico. 1. ed. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007
- CASTRO, Celso; LEMOS, Renato. Uma janela para o tempo. In: MAGALHÃES, Bernardina Botelho. *O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001
- CORTÁZAR, Julio. *O jogo da Amarelinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- CUNHA, Maria Teresa Cunha. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p161.

\_\_\_\_\_. *Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro*. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: Acesso: abr. 2009

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974

DRUMMOND, Pedro Augusto Graña. *Uma forma de saudade*. São Paulo : Companhia das Letras, 2017

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Estética, literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

GOMES, Ângela Maria De Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela Maria De Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

HÉBRAD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoa e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000

KERN, Daniela. Cecilia Assis Brasil: a cronista de Pedras Altas. *Revista eletrônica PUC/RS*. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/635/464>. acesso em: set. 2023

LEJEUNE, Philippe. *Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 8, n. 9, 1997

LACERDA, Lilian. *Álbum de leitura: memórias de vida, história de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003

LISPECTOR, Clarice. *O adulto é triste e solitário*. 2021. Disponível em: [https://youtu.be/HY4FK4\\_r5Ks?si=TxV2370RNvb0KO-Z](https://youtu.be/HY4FK4_r5Ks?si=TxV2370RNvb0KO-Z)

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Org.) *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra*. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de

Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989. Disponível em: [http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3846](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846); acesso em: nov. 2009

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Querido diário: agenda é mais moderno In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) *Refúgios do eu*: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante* - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.p. 44

\_\_\_\_\_. Políticas da escrita. São Paulo: Editora 34, 2017

RECCHIA, Cristal. *Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles*: minha vida de meninas e as meninas. 2008. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008

SCHWARZ, Roberto. Duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TELLES, Ligia Fagundes. Mulher, mulheres. In: PRIORE, M. D. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*: Memória de mulheres. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

#### *Diários:*

ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Diário de uma garota. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1985

BRASIL, Cecília Assis. Diário de Cecília Assis Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1983

MAGALHÃES, Bernardina Botelho. O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant. Organização, introdução e notas Celso Castro e Renato Luís do Couto Neto e Lemos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

MORLEY, Helena. Minha vida de Menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958